

tramando desejos
nas salas de cha



Róger Luís Albernaz de Araujo

Educações de mim:

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS 3

FACULDADE DE EDUCAÇÃO 3

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO 3

Dissertação 3

Liturgia da Matéria 5

GÊNESE 5

O fio da navalha: como tecer a teia? 6

Cyberespaço: o tabuleiro que se alastra... 29

O Sujeito das Salas de chat: inscrevendo-se em sua escrita 43

Sociedade de Controle: espaço de confinamento? 57

Salas de Chat: um acontecimento do não-lugar 63

Entrando na sala: o que precede o momento 75

Dentro da sala: tramando desejos 81

Educações de mim: efeito dos efeitos 93

Referências Bibliográficas 100

GÊNESE

**o mundo começa nos olhos
se alastra pelo rosto, desce o peito
e o dorso, ocupa o ventre, invade
as pernas e os braços, e
termina na ponta dos dedos.**

**o mundo começa pelos olhos
d'água, se espalha entre as pedras,
é disperso pelo vento, sobe aos ares,
penetra as profundezas da terra, e se
consome no fogo.**

**o mundo começa como um olho
aberto, sem pálpebras nem cílios,
só íris e pupila, imerso
numa órbita profunda, onde resvala
e some num piscar de olhos.**

(Paulo Henriques Britto)

O fio da navalha: como tecer a teia?

“... no momento em que a alma se prepara para organizar a sua riqueza, as suas descobertas, essa revelação, no inconsciente minuto em que a coisa está prestes a emanar, uma vontade superior e má ataca a alma como vitríolo, ataca a massa palavra-e-imagem, ataca a massa do sentimento, e deixa-me, a mim, ofegante como quem está à porta da vida”.

(Antonin Artaud)

Escrever uma dissertação de mestrado representa uma experiência singular, movimentando os sentidos e, desencadeando um turbilhão de imagens, daquilo que gostaria de fazer, daquilo que o tempo que tenho me permite, e o que farei no fim de tudo. Neste jogo de cortejar minha escrita, em meio a presentes inúmeros que me dei e que me foram dados como leituras, modifiquei não só meu projeto de pesquisa, mas também e com maior intensidade, os movimentos de produção de mim.

A princípio uma idéia vaga do que pesquisar. Certamente, a informática deveria estar aí. Afinal, minha formação universitária e profissional ocupava este espaço. Mas a largada tinha sido dada e, em meio à corrida, quanta coisa eu via, quantas coisas me tocavam, quanto eu retribuía. Uma trajetória em que me lancei no caminho do alastrar, jogando-me em direções diversas em altíssima velocidade, sacudindo a mim e, a tudo que me rodeava, produzindo efeitos, e esses efeitos seus efeitos...

A sensação de água na boca, de quem saboreia e degusta uma iguaria, por vezes mesclava-se com aquele gosto amargo e aquele desconforto de não poder engolir, quando não, uma sobreposição de gostos, modificando meu paladar. Escrevo, agora, de algo que passou, como produção de decalques, fotos de mim em um determinado instante do

tempo que eu quero prolongar. Procuro forçar uma redução de velocidade que dê conta da permanência daquele momento, erguendo-se em outros momentos e, esses em outros e mais outros. Esse procedimento vai servir para eu me aproximar desse quadro com vistas a entendê-lo. Esse entendimento, por sua vez, possibilitará o dizer dos efeitos que se produziram em mim como obra dos afetos a que fui exposto. Minha lembrança põe minha memória em movimento, meu corpo dá sinais de descobrir e redescobrir sensações que me ouriçaram a pele, me ressecaram a boca, num ir e vir de potência e pulsão. Busco me recompor, recompondo o momento, juntando partes passadas, presentes, futuras e, a potência do entremeio de tudo. Almejo mais que agrupar palavras, derramar sangue, aproximar vidas.

Belisquei minhas coisas pra ver se ainda tinham vida. Troquei as que não tinham por outras; as que tinham coloquei em jogo. E o que foi esse processo de mestrando senão colocar-me em jogo, provar da vida, degustar de mim? Em todo este delírio, porém, havia a academia com sua sintaxe própria, sua velocidade, seu lugar. Buracos foram necessários e deles me vali, procurando sempre que pude a subversão e, quando não, o que de melhor podia usufruir.

Por que o fio da navalha? Por ser tão pequena a distância que separava e, ainda separa, uma proposição de modificar conceitos e preceitos, da produção de novos clichês. Proponho neste trabalho analisar como as coisas se transformaram e, como as posso tocar agora. Não da mesma forma e nem mesmo todas elas. É difícil falar das transformações que sofri. É complicado falar de si.

Coloquei-me em jogo na tentativa de experienciar o meu discurso, provando do gosto do meu trabalho, procurando dar velocidade e mobilidade a meu processo de escrita, acrescentando uma pitada de tempero a cada prova. Senti a necessidade de metamorfosear a escrita,

afastando a linearidade da receita pronta, fugindo da necessidade de que no final tudo fosse belo, tudo fosse limpo, tudo fosse organizado, tudo fosse comestível.

Desde quando me recordo ter começado a construção desta dissertação, quantas coisas me atravessaram, quantas linhas, quantas páginas, quantas capas, quantos autores que me arremessaram em direções diversas, cada qual com suas cores, cada qual com suas dores. Mas precisei estreitar o foco. Afinal, isso se tornou um trabalho acadêmico e, para tanto, tive de mapear os caminhos, dar-lhes sustentação teórica, procurando meus cúmplices. Foi preciso circular no olho do furacão, experimentando vias outras de mim.

Posicionar minha questão de pesquisa se fez premente, ou seja, delimitar o objeto de tal forma que me fosse possível encaminhar uma organização de raciocínio que se ocupasse de movimentar meus sentidos. Eis meu primeiro percalço, pois enquanto sugeria uma autopesquisação, uma experiencição, era eu, sujeito, o próprio objeto - paradoxo - de ser, simultaneamente, sujeito e objeto. Pesquisar o quê? Dúvidas que perseguiram meus passos, em determinados momentos constituindo barreiras, na produção de paradigmas de sustentação da intencionalidade do desenvolvimento de uma pesquisa acadêmica carente de métodos. Em primeira instância, adotei este posicionamento com o intuito de esgueirar-me de uma situação de encarceramento que, supunha eu, decorreria do processo de um enquadramento metodológico, o que poderia demandar efeitos de perda de potência no meu processo de pesquisa e escrita, por quanto se fariam necessários comprometimentos explícitos com determinados procedimentos . Na intenção de não acabar atrelado a um método - trancafiado - produzi linhas de fuga que, com o passar do tempo, endureceram-se e criaram seus próprios conceitos, fazendo-me aperceber que caíra em uma armadilha que me aprisionara do lado de fora. Outras linhas de fuga,

então, faziam-se necessárias, e, eu as fui produzindo, construindo assim um método, como forma de criar rugosidades em uma superfície que, de tão lisa, dificultava o grude no processo de construção do meu trabalho.

Concebi uma espécie de mapa com o propósito de produzir uma condição de entendimento de como minha dissertação tornar-se-ia, e nesse ponto já estava se tornando, o que é. Acreditei, e acredito, que esta dissertação percorre caminhos que estão grudados na produção de mim. Ela se produziu a partir de mim e, simultaneamente, eu, me produzi a partir dela. Difícil fragmentar esses percursos que constituem meus platôs que, quando sobrepostos, produzem os efeitos de mim. Equacionei a fabricação de uma estratégia que daria corpo ao desenvolvimento de saberes que produziram uma maior visibilidade sobre minhas questões de pesquisa.

Como fazê-lo? Experimentando uma multiplicidade de óculos, através da obra vários autores que, ao longo do processo de pesquisa sobrepuseram-se, contrapuseram-se, complementaram-se, na intenção de criar uma estrutura rizomática de produção de saberes, dos quais me apropriei, compondo um campo de sustentação teórica. Através desses procedimentos, ampliaram-se as possibilidades, incorporaram-se velocidades e capacidades de alastramento, ao processo de produção de saberes. Diversas vezes, em alguns momentos, produziram-se de linhas de fugas que sinalizavam um estágio de especialização do foco. Não um espaço de retração, mas uma instância de análise dos meus passos, mordendo meu trajeto, na intenção de descobrir faixas movediças, terrenos fofos que, em se tratando de um trabalho acadêmico, deveriam ser repisados, pisoteados, até adquirirem o estado de uma liga firme, a partir qual meu trabalho poderia desdobrar-se. No entanto, apenas leituras não foram suficientes, para encaminhar um entendimento de como se fabricam as subjetividades nas salas de *chat*.

Como esse dispositivo funciona e como se pode funcionar a partir dele? Como nos tornamos o que somos, enquanto na sala de chat? Quais os efeitos que emergem dessas relações? Pode-se produzir um tipo de mapeamento que traga à superfície um engendramento dessas construções e fabricações de si? Essa forma pode produzir efeitos que se alastram para além das salas. Porém, sem as leituras como poderia destreinar meu olhar? Ou seria retreinar? Durante aquele período de ler, desesperadamente, na busca de pistas que pudessem impulsionar meu processo de criação, provei de um paradoxo, impregnando-me de conceitos. Entretanto, como ponto de partida, pretendia exatamente o oposto. Ingenuidade minha pensar poder ser livre de conceitos! Alguém pode? Mas poderia, talvez, transitar por conceitos outros, numa forma, inclusive positivista que, no entanto, pela velocidade e intensidade aplicadas, pudesse atingir efeitos de virar as coisas pelo avesso, distorcendo, contorcendo, transformando-as.

Não bastava saber a fórmula do perfume, ou a receita do bolo, devia provar do cheiro e do gosto, aliar teoria e prática, confrontá-las, encaminhando uma aproximação que fornecesse indícios da geografia a ser experienciada. Um simulador de vôo não seria o bastante, eu tinha “realmente” que voar. Adentrar as salas de *chat*, simultaneamente aos processos de leituras, foi a estratégia adotada, colocando em movimento os processos de produção de mim – educações de mim.

Brincar, construindo trilhas e caminhos, diversos e múltiplos, que me possibilitariam um modo de transitar por essas vias de fabricação de subjetividade, conhecendo suas paisagens, seus relevos, suas saliências e reentrâncias. Necessitava de um modo que, além de conduzir, proporcionasse aderência a essa empreitada, sem, no entanto, criar a obrigatoriedade de seguir um caminho previamente traçado, do qual não pudesse vez por outra fugir, descobrindo, dessa forma desvios, atalhos e recantos escondidos. Os conceitos, os preceitos têm um que

de inevitabilidade, contudo, sempre resta a busca da subversão, de uma outra forma, mesmo que essa não contemple o pensamento hegemônico vigente.

Produzi estratégias que encaminharam na direção dos meus desejos de pesquisa, contudo, as informações eram variadas e em grande volume, caindo à minha frente numa velocidade estonteante, o que de certa forma fornecia sinais de que estava na direção correta. Explorei um campo fértil, porém, muitas coisas teimaram em fugir, por serem tão novas e diversas. Resolvi, por necessidade latente, procurar uma forma de diminuir a velocidade das coisas, procurando assim viabilizar um procedimento de análise de maior profundidade.

Como fazê-lo? Gravando, ou seja, armazenando em arquivos, as sessões de chat das quais participava, catalogando-as por horários de utilização. Nessa fase, meu terreno de pesquisa encontrava-se turvo e espesso e eu abria meu leque de possibilidades procurando novos platôs, sem compromisso explícito de especializar meu olhar. Acreditava que os horários de utilização dos chats, bem como as salas a serem pesquisadas, constituíam aspectos de diversidade que mereceriam ser mais bem esmiuçados, constituindo, quem sabe, categorias dentro do meu escopo de pesquisa. Minha idéia era poder retornar posteriormente aos blocos de sessões gravadas, procurando identificar proximidades de movimentos dos participantes das salas, através de suas “falas”, que pudessem indicar perfis de comportamento - busca de semelhanças - identificações.

Depois, durante alguns meses, gravei insistentemente as sessões de chat, organizando-as no *winchester* do meu computador, separando-as por *site*, por tipo de sala e por horário. No entanto, em determinado momento me senti distanciado da minha questão primeira de pesquisa, ou seja, mapear as formas de construções e fabricações de mim, no

intuito de jogar luzes sobre o entendimento de como nos tornamos o que somos, produzindo assim saberes sobre os modos de subjetivação. Criar um jogo onde se possa ir além dos movimentos racionais, no sentido de alastrar os processos de subjetivação. Como e quais prazeres se pode produzir tramando desejos? Como ficam os desejos que escapam? Como ficam os desejos que aprisionam? Como ficam os desejos que estraçalham?

De que me serviria confrontar os tipos de salas? Em que acrescentaria relacionar as salas de chat através de temáticas? Os diferentes horários de utilização me dariam indícios de que? Acabara de chegar a um ponto de escolha e deveria colocar saibro firme em vielas que roteariam meus movimentos de pesquisa. Poderia tentar responder as questões anteriores, o que seria muito interessante e instigante. Poderia responder outras tantas. Todavia, quantas? E para quê?

Meu campo de pesquisa sempre se mostrou muito rico e diverso, de tal sorte que se fosse me ater a cada novo indício, simplesmente não terminaria de mapeá-lo. Mas afinal, o que eu queria pesquisar? A mim ou aos outros? Eu tinha essa resposta na ponta da língua - interessavam-me os modos de produção de subjetividade, o movimento de produção de mim, a metamorfose, a multiplicidade, a capacidade de multiplicidade. Isso me ajudaria a ter indícios dos processos de subjetivação mais comuns aos usuários das salas de chat. Isso me colocaria mais próximo de conhecer o sujeito do cyberspaço.

Deixei para trás questões em aberto que, em outro momento, outra pesquisa pode e deve dar conta, mas não esta. Meu saber transitava nos mares de minhas leituras, fornecendo-me a sustentação necessária para uma tomada de caminho. O difícil sempre se colocava no dizer, mais do que em fazer. Como relatar o experienciado com a menor perda possível de velocidade? Poderia retirar os filtros da minha escrita? Como evitar os

“clichês”? Poderia garantir uma análise imparcial dos fatos? Até que ponto não acabaria desviando a escrita para uma fabricação de fantasias?

Procurei respostas para perguntas que tinha, pontuando questões relativas à produção de subjetividade, deixando que elas aparecessem dispersas ao longo de tudo que pudesse escrever. Procurei respostas para o que nem mesmo ousava perguntar. Procurava a condição de ser parte, de deixar escorrer sobre mim o que dentro fluísse, o que o fora desgrudasse, o que viesse. Me dou conta, porém, que essa maneira de percorrer o caminho constituía um método.

Intuitivamente, arquitetei um sistema de desenvolvimento incremental, cuja metodologia é utilizada, por vezes, em sistemas de gestão financeira e no desenvolvimento de *softwares*. Essa forma sistêmica de análise ocupa-se da premissa de que nada está suficientemente pronto, devendo sempre ser verificado e incrementado, conforme as necessidades de tempo e espaço. Em um sistema de informação, isso demanda um acompanhamento permanente do funcionamento do sistema em questão, auferindo-lhe atualizações constantes e sucessivas, como forma de mantê-lo o mais próximo possível do seu nível máximo de desempenho.

Na construção de sistemas de informação, cuja função primeira é suprir a necessidade de certos processos, tornando-os mais ágeis e transparentes, o ponto de partida é uma necessidade que, em determinado tempo, se faz premente a partir da análise do funcionamento de um sistema existente. Procura-se então, nesta etapa, angariar a maior quantidade de informações, no intuito de criar subsídios que possibilitem uma inferência sobre o escopo de análise, proporcionando assim a indicação de um problema de pesquisa.

Com a explicitação da problemática, são encaminhados estudos que, partindo das informações fornecidas/extraídas do sistema existente, movimentam o campo de análise na direção da formulação de alternativas para confecção/modificação de um novo/outro sistema. São enumeradas algumas alternativas, costumeiramente, no mínimo duas e no máximo três, as quais são analisadas, conforme as necessidades e condições de implementação. Desse estudo é feita a escolha de uma alternativa, fazendo-se uma justificativa para essa tomada de decisão.

Em sistemas de informação, normalmente, existe uma pessoa ou conjunto de pessoas que trabalha na feitura do projeto, existindo a contrapartida, na figura da pessoa ou conjunto de pessoas que vai utilizar-se desse sistema. Para escolha da alternativa a ser encaminhada, são abertas discussões entre estes dois grupos, nomeados como analistas e usuários, como forma de engajar e comprometer esses dois grupos na execução do projeto do sistema proposto.

Tendo-se um problema definido e uma alternativa de implementação de solução, parte-se definitivamente para construção do sistema proposto. Com base nas informações levantadas e nas análises efetuadas, desenha-se uma imagem do sistema, produzindo-se um Diagrama de Fluxo de Dados. O DFD tem por função demonstrar o funcionamento do sistema, indicando cada ponto que compõe a estrutura a ser implementada, fornecendo uma visão macro da solução proposta. Este primeiro DFD é nomeado de nível zero, podendo ser explodido até um terceiro nível, conforme as necessidades de especificação do fluxo de informações.

O DFD caracteriza as entidades que, a priori, farão parte do sistema, demonstrando o caminho das informações desde uma possível entrada até uma possível saída dos dados a serem processados pelo sistema.

Uma entidade é um agente no sistema de informação que, no relacionamento com outros agentes, garante o funcionamento do sistema, através da manutenção do fluxo dos dados. Uma entidade é composta por atributos, que são os dados que caracterizam-na, diferenciando-as entre si. O exemplo de um atributo poderia ser o código de matrícula, ou o nome, que poderia compor uma entidade **funcionário**. Outra entidade poderia ser **salário**, compondo o relacionamento **funcionário-salário**, ou seja, proporcionando ligações possíveis entre essas entidades em um sistema de folha de pagamento.

As ligações entre as entidades, bem como, as formas de relacionamento entre elas, são especificadas através de um Diagrama Entidade-Relacionamento que compõe um modelo conceitual para o sistema proposto. Um modelo físico é gerado como derivação do modelo lógico materializando através de arquivos e/ou tabelas as entidades que farão parte do sistema.

Tendo-se construído o modelo físico, parte-se para a codificação dos programas que farão uso da base edificada, na expectativa de atender as necessidades encaminhadas pelos usuários do sistema proposto. Essa fase contempla a utilização de uma determinada linguagem de programação que deve atender a condição de suportar o encaminhamento lógico de operações, conforme os requisitos auferidos ao sistema.

Após o sistema estar codificado, é desencadeado um processo de testes, simulando o funcionamento do sistema como um todo, verificando-se correções e implementações necessárias.

Como última etapa, deve-se fazer a implementação do sistema proposto, disponibilizando-o ao usuário final, para que numa situação de realidade o sistema possa adquirir vida própria, suprimindo a demanda que gerou a necessidade de sua concepção.

Teoricamente, estas seriam as etapas que configurariam o ciclo de desenvolvimento de um sistema de informação, porém, quando em funcionamento, numa situação prática, verificamos a necessidade da condição de alterabilidade, em função das modificações que podem sofrer os agentes internos ou externos que compõe o sistema. Nesse sentido, pode-se ter que retornar a uma das etapas no ciclo de geração do sistema, refazendo-a, o que pode ser uma coisa simples ou inviável. Nesse sentido implementa-se a construção de pequenos módulos, com a maior independência possível, cada qual tendo uma função que, inter-relacionadas, tornam efeito o funcionamento do sistema.

O desenvolvimento incremental suscita a possibilidade de manter em funcionamento, retirar ou crescer, funções que garantam o sistema funcionando. O desenvolvimento incremental configura-se como uma ferramenta eficaz, constituindo o que na informática nomeia-se de uma abordagem Top-down, ou seja, um enfoque que parte das generalidades para as particularidades. Esse método abdica da intenção de produzir um sistema com unidades completas que, depois de pronto será testado, como forma de avaliar seu funcionamento, como utilizado nos desenvolvimentos que partem do particular para o genérico. Ao invés disso, o método Top-down propõe uma versão não refinada, produzindo uma linha mestra, um “esqueleto” do sistema, que aceita alguns dados simples como entrada, processando-os de forma simplificada, criando algumas saídas simples. Com essa versão simplificada em funcionamento, pode-se fazer o incremento de funções mais complexas, observando o efeito da mudança na procura de ajustes possíveis e, assim sucessivamente, ao longo da vida do sistema. Essa forma de procedimento facilita o encaixe das peças, criando uma lógica de mais alto nível que coloca em funcionamento os módulos mais importantes do sistema, mesmo que o conjunto de especificidades, ainda não esteja codificado. Assim sendo, o desenvolvimento do sistema se dá, quase

que paralelamente a sua experimentação, onde os resultados de saída funcionam como incremento de possibilidades de melhorias, podendo, ocasionar alterações nas entradas e, inclusive, em determinadas funções dos módulos que constituem o sistema.

Proponho então, uma transposição de um modelo da Análise de Sistemas para essa dissertação que transita por entre os territórios da educação e por vizinhanças, talvez, mais íntimas, cuja precipitação faz emergir a expressão de discursos latentes. Encaminho correlações e adaptações que busquem dar conta de um trajeto, mapeando deslocamentos, trilhas, pontos de encontros e de desencontros, na busca de trazer a tona uma geografia das salas de chat que, além de hábitos e fetiches, possibilite também, outras formas de conhecimento de si.

Nos termos do meu processo de pesquisa, implementei procedimentos muito semelhantes ao desenvolvimento de um sistema de informação. Transpus a técnica incremental e o modelo de desenvolvimento *Botton-up* na intenção de proporcionar visibilidade aos processos de produção de subjetividade. Criei, mesmo que, por vezes, apenas mentalmente, diagramas de fluxo de dados, diagramas entidade-relacionamento, adaptando um método científico próximo de mim, fabricando, assim, um fio condutor que pudesse atender as demandas necessárias na sustentação da caminhada.

Tomei, como ponto de partida, meu sistema existente, na direção de introduzir os primeiros fluxos, inaugurando as primeiras funções, municiando os módulos dos quais conseguia me aperceber, almejando uma entrada que pudesse dar vez a passagem do começo de tudo que já não podia conter-se.

Analisei, de certa forma, como vinha me tornando o que sou e, o que proponho transformar. A partir disso e, só assim, posso formular minhas

alternativas. Trata-se de um momento de proceder escolhas, colocando o pé no caminho, possibilitando um soltar de amarras, um cair no mundo, um ir ao encontro de uma procura. Escolher-se, escolhendo o experenciar como via de um entendimento dos modos de subjetivação, na intenção de problematizar uma trama de desejos que traga para um campo palpável as educações de si.

O DFD transmutou-se como DFP, procurando trazer a tona um caminho passível de ser percorrido na caminhada, fazendo jorrar fluxos de possibilidades. O DFP de nível zero, proferindo um começo, estruturou a imagem ampliada de um funcionamento dos sistemas das salas de chat. Gerou-se uma disposição de peças que indicava o sujeito das salas como uma entidade principal, configurando, dessa forma, um módulo de entrada. O módulo-sujeito emergiu com a função principal de criar zonas de possibilidades onde pudessem escorrer as multiplicidades. O sujeito assumiria o papel de ser jogador e peça estratégica, em um relacionamento múltiplo e simultâneo, com ele e com o fora, podendo afetar-se, afetar e ser afetado, numa composição de forças que pudesse inaugurar um ineditismo de performance.

O conjunto das funções modulares, que interagem garantindo o funcionamento de um sistema de informação, transformou-se em um efervescente conjunto de intenções. O modelo conceitual do sistema foi transposto do DER para DSR, procurando dar visibilidade aos relacionamentos do sujeito, seja na multiplicidade que o compõe, seja na aproximação de zonas de vizinhança que podem tangenciar o fora que circunda.

Procurei mapear o movimento de intenções dos sujeitos, desde uma proposição inicial, desencadeadora dos processos relacionais e, inclusive, a relevância da proliferação dos efeitos que deixam marcas e,

se fazem sentir no realinhamento das possibilidades que são colocadas em andamento.

Confesso ter sido difícil viabilizar um entendimento mais formal do processo, visto que, a velocidade e a instabilidade produzidas, de certa forma, embaralham os olhos e impedem uma visualização limpa dos deslocamentos. As imagens suscitam contornos disformes que, em profusão, alastram-se velozmente, tomando conta do tempo e do espaço, numa simultaneidade que suprime o ar, produzindo efeitos de asfixia que retiram o brilho e o colorido das coisas. Sobram rastros quase imperceptíveis que, como borrões em preto e branco, impossibilitam quaisquer formas de traçar trilhas.

Necessitei, pela caminhada, adequar a velocidade das salas de chat as minhas possibilidades de mapeamento, procedendo à decomposição dessa imagem veloz na figura de quadros, sobre os quais poderia inferir análises e erguer trilhas. O processo de análise quadro a quadro, extraiu cenas, sobre as quais pude me debruçar na expectativa de uma generalização dos modos de produção dos movimentos.

A recomposição das cenas indicou a necessidade da inserção de um módulo de possibilidades, pois, somente, a partir dele, seria, como foi, possível estabelecer um enlace entre os múltiplos agentes que compunham aquelas situações. Porém, permaneciam dúvidas: que tipos de possibilidades circulavam? Seria possível especializar as possibilidades por tipos?

Encampeei a dúvida como forma de intentar um entendimento que esmiuçasse as formas através das quais produziam-se os engendramentos das possibilidades. Deparei-me, então, com os desejos e os afetos, na figura de agentes circulantes que, podem revolver e reinventar as ondas que criam as marés, produzindo, desta forma, uma instabilidade criativa, que diversifica o território das possibilidades.

O sujeito, na relação com as possibilidades que podem aflorar, transita numa via de mão dupla que de um lado, encaminha intenções e de outro recebe uma enxurrada de efeitos que retornam como possibilidades que podem provocar um realinhamento/desalinhamento das forças intencionais.

As possibilidades de desejo reverberam mesmo antes da conexão nas salas de chat, sendo potencializadas pela efetivação dos acoplamentos dos sujeitos na produção de um corpo-sem-órgãos. Os sujeitos quando se conectam as salas de chat, o fazem, já com uma série de intenções grudadas, num movimento que tem início nos desejos de fazer *chat*. A circulação desses desejos representa condições de configurações dos módulos máquina-homem que são colocados em funcionamento.



Figura 1 - Modelo de funcionamento das salas de chat

A dinâmica dos sistemas de subjetivação das salas de chat encaminha uma organização modular que opera por sobreposições de possibilidades, cujos efeitos provocam proliferações, aderindo à superfície de contato que é posta em jogo. Descarrilam efervescências de intenções, ouriçando as possibilidades de desejos e afetos que o sujeito pode colocar em jogo para anunciar sua entrada.

Os sujeitos que pretendem adentrar uma sala de chat carregam consigo configurações alinhadas com suas intenções.

Os movimentos de devir promovem circulação de desejos e afetos, numa proposição de ressonância, em que efeitos podem liberar um desencadeamento de possibilidades na produção de sentidos, criando afecções e prazeres.

O movimento incorporal navega nas ondas da linguagem produzindo a fabricação de um mundo coletivo. Da sala de chat pode-se dizer várias coisas, especulando com generalidades na formulação de premissas em série, porém, apenas os sujeitos que experimentam a sensação de tramar desejos e costurar afetos, podem dizer do vivido, do sentido.

Os CSOs, produzidos nas salas de chat são configuráveis de intenções, permitindo ao sujeito a feitura de apostas que os jogarão no jogo. Contudo, os efeitos não funcionam com tal linearidade, podendo estraçalhar o sujeito, derretendo o sujeito que queima por entre afecções e prazeres. Ou, podem aniquilar suas condições de jogo, restringindo o espaço de movimentação.

Os modos de subjetivação das salas de chat produzem marcas, isso é posto, entretanto, nem sempre, isso se coloca a superfície dos sentidos, proporcionando uma sensação de água na boca, num degustar de gostos e paladares. Pode-se produzir sabores outros, numa poção que

torna efeito o desconforto, eliminando possibilidades, reduzindo escopos de acoplamento, induzindo a retirada, decretando o afastamento.

Quando um sujeito adentra as salas de chat, constituindo seu corpo-sem-órgãos, o faz no sentido de criar um espaço de imanência que permite, pela combinação dos afetos, uma produção de efeitos, na intensidade das afecções circulantes. O propósito da busca, sacudido pelos efeitos que proliferam, produz um deslocamento nas posições de permanência, dilatando a geografia das possibilidades, criando séries de intencionalidade, que emergem novamente na extremidade do vetor de forças, modificando superfície visível do sujeito.

Uma derivação para o modelo físico não demanda a necessidade de criação de arquivos ou tabelas, mas, indica, como próximo passo, a colocação do sistema mapeado em movimento, tornando possíveis provas de um gosto preparado no fora e, temperado nos dentro. Contudo, é cabível uma implementação de condições de alterabilidade, fazendo do jogar das intenções uma das fontes para a transformação das possibilidades.

O que busquei construir foi um módulo de inserção nas salas de chat, possibilitado por um olhar sobre os modos de fabricação das subjetividades. Desta forma, os sujeitos podem criar zonas de contato, consigo e com os outros, sobrepondo configurações de intenções, lançando-se num desassossego de fazer circular desejos e afetos.

O jogo incita a experimentação de máscaras. Não uma máscara única e definitiva, mas, milhares, entre as possíveis - descartáveis - temporárias - sobrepostas. Afinal, não é possível viver sem máscaras. Sem elas o que existe é a ausência de um rosto - restam os traços de uma "rostidade" (Deleuze & Guattari, 1996).

Esse jogo pretende extravasar as fronteiras, provocar vazamentos, deixar movimentar forças, produzir afecções, tirar coisas do lugar, carregar outras performances, mudar o quadro de uma pretensa produção de sentidos. Esse jogo é uma máquina que permite a intermediação que conecta dois mundos, é o fluxo que conecta e desconecta as coisas, criando possibilidades de transformações. É um jogo em forma de ascese que pode fornecer modos de aprender para mais bem se conhecer.

Engana-se, entretanto, quem imagina um jogo fácil, pois esse requer um devir-mutante que se alastra pela força das possibilidades de diferença e de desassossego que contrapõe as forças de permanência, cuja tendência, restaura e repete as extremidades de uma superfície visível.

Adotei como ponto de partida a idéia de que, os sujeitos em chat, produzem-se como um sistema que não é e, nunca será algo pronto e acabado. As relações preponderantes nas salas desencadeiam uma metamorfose, indicando manifestações que se dobram no tempo e no espaço da conexão, jogando nas possibilidades de diferir, não sendo determinante a obrigatoriedade de uma linearidade de atitudes.

Procurei, obter um olhar a cada dia, a cada instante, procurando distanciar-me de um pensamento pré-concebido, e da probabilidade de escrever de algo que já não mais existia. Deparei-me com a complexidade de conciliar os fluxos emergentes da relação experiência/relato, lançando-me no escopo de uma simultaneidade de deslocamento extremamente veloz. Aquilo que chamo experiência era, um ato que se realizava na escrita/leitura. O chat se constitui em escrever e ler. Só que um escrever/ler, em tempo real, em relação, integrando o sistema, no olho do furacão. Aquilo que chamo relato, era, por sua vez, escrever sobre isso: com distância, tempo passado, desacelerado.

Meu receio era que esta escrita não comportasse o compasso das transformações e alternâncias. Meu medo era tornar esta a escrita algo postiço que, mesmo tendo um invólucro curioso e instigante, não dissesse das coisas, das experiências, das metamorfoses e, dessa forma, não atendesse os pressupostos dos propósitos de pesquisa.

Como fazê-lo? Talvez, fosse impossível, mas o quanto poderia me aproximar de fazê-lo? Não tinha respostas prontas para essas perguntas, todavia, tinha indícios que apontavam na direção de um paradoxo que colocava, ao mesmo tempo, a escrita como um dos maiores limitadores e, uma das principais ferramentas de expansão. Escolhi, então, a poesia como idioma. Flagrei-me no território da linguagem como peça chave, experimentando sua efusão efervescente como propulsora da viabilidade de um discurso o mais próximo possível das experiências. Na escrita poética aposto minhas fichas, na busca de poder dizer, com o menor retardo e perda de potência possível. Nesse caminho usufruí a presença de minhas leituras e da amplitude de seus deslocamentos. Tornei-me cúmplice confesso de Antonin Artaud, Maurice Blanchot e Franz Kafka, quando eles, com tamanha dilaceração da alma colocam em palavras o movimento de suas escritas, mescladas e misturadas com seus espíritos, compondo uma amálgama que faz das obras uma forma de si. Sinto-me desassossegado pelo desejo de desacomodar, de trazer à tona o intocável, o intangível, o indizível. Numa obra que arranque as amarras e deixe subir a superfície aquilo em que não nos damos o direito de tocar. Artaud exprime com muita clareza este sentimento, no fragmento inicial de “O umbigo dos Limbos”:

“Onde outros propõem obras eu não pretendo senão mostrar o meu espírito. A vida é queimar perguntas.

Não concebo uma obra isolada da vida. Não amo a criação isolada. Também não concebo o espírito isolado de si mesmo. Cada uma de

minhas obras, cada um dos planos de mim próprio, cada uma das florações glaciárias da minha alma interior goteja sobre mim.

Reconheço-me tanto numa carta escrita para explicar o estreitamento íntimo do meu ser e a castração insensata da minha vida, como num ensaio exterior a mim próprio, que me surja como uma gestação indiferente do meu espírito.

Sofro por o espírito não estar na vida e por a vida não ser o espírito, sofro por causa do espírito-órgão, do espírito-tradução ou do espírito intimidação das coisas para as fazer entrar no espírito.

Este livro, suspendo-o na vida, quero que seja mordido pelas coisas exteriores, e em primeiro lugar por todos os sobressaltos cortantes, todas as cintilações do meu eu por vir.

Todas estas páginas se arrastam como pedaços de gelo no espírito. Perdoe-se-me a minha liberdade absoluta. Recuso-me a estabelecer diferenças entre qualquer um dos momentos de mim mesmo. Não reconheço no espírito nenhum plano.

É preciso acabar com o espírito, tal como a literatura. Afirmo que o espírito e a vida comunicam a todos os níveis. Gostaria de fazer um livro que perturbasse os homens, que fosse como uma porta aberta e os conduzisse onde nunca teriam consentido ir, uma porta simplesmente conectada com a realidade.

E isso é tão pouco um prefácio a um livro, quanto, por exemplo, os poemas que o balizam ou a enumeração de tosas as raivas do mal-estar.

Isto não é senão um pedaço de gelo mal digerido". (Artaud, 1991)

Então, como tecer a teia? Creio que, entrelaçando fios, tantos quanto eu possa, procurando assim encarnar a erva daninha que se alastra, que

explode em outras mais, em direções e sentidos diversos, fazendo territórios. Uma trama de fios numa teia de captura de sentidos.

Proponho um jogo - o meu jogo - aquele que propositalmente não nomeei, mas para o qual fabriquei regras. Um jogo construído através do aprendizado de jogar, cada vez um jogo, cada vez um novo jogo.

Meu tabuleiro: o cyberspaço. Não é inerte, não é estático, é veloz e movediço, vibrando e tomando posto, é partícipe - um jogador. Meu tabuleiro tem vida própria, interfere no movimento das peças, alonga e contrai, troca de forma, derruba os menos avisados, pronuncia-se quando não chamado, ausenta-se sem permissão. Meu tabuleiro, por vezes, tem imagens distorcidas, que cegam e embaralham os olhos; por vezes vertigem, por outras miragens, nem sempre presente, por vezes ausente. Meu tabuleiro tem sua própria alma, tem almas, é um fora que faculta a sensação de ter dentro. Meu território no cyberspaço é a internet, onde jogo com as salas de *chat*.

“Se fores te aproximando, perceberás que a profundidade recua pra frente, que a superfície se encolhe... e que uma tênue linha ondulada carrega o dito. Se o fluxo é o que não se captura, a linha é o que não se detém. Pobres de nós, imaginando sermos proprietários do que dizemos!”¹.

Meu jogo: as salas de *chat*, onde a regra pode ser quebrada, onde contratos são firmados a partir de lances de escrita que emergem como um movimentar de peças, produzindo uma relação desejante de saber-poder que baliza o desencadear dos movimentos dos participantes. É um jogo repleto de multiplicidades, num fluxo que não tem início e não tem fim, mas, instantes de entrada e saída. É um jogo aberto, fruto de uma necessidade primeira do reconhecimento de um

¹ Devires: a virtualidade mutante – Um – Sala nove: o baile de máscaras, o teatro do chat – <http://informarte.net/bailedemascaras/bane1.htm>;

lugar que se descortina, do qual não há vestígios de acontecimentos passados, não existe uma idéia de acontecimentos futuros, mas, simplesmente, a atualidade dos acontecimentos vigentes. Funciona como uma estratégia de inserção em uma realidade que pré-existia e, da qual, naquele instante do *login* passa-se a fazer parte.

Pode ser um jogo fechado, particularizando movimentos privados, desvelando momentos de auto-afirmação e medo. Pode, ainda, ter a simultaneidade do aberto e fechado. Pode ser jogado com várias peças com diferentes movimentos, retornando a qualquer tempo, fazendo, desfazendo e refazendo contratos, no tecer de uma trama de subjetivações que envolvem e revolvem os sentidos.

A sala de chat permite conexões de um mesmo usuário com *nicknames* diferentes em uma mesma sala. Também é possível a conexão simultânea em salas diferentes, inclusive no que tange à temática das relações, podendo-se provar do gosto explícito da multiplicidade. Esses procedimentos disponibilizam uma variação no conjunto dos relacionamentos, colocando peças diferentes, com suas velocidades e intenções, também, diferentes, à disposição de um mesmo jogador, numa possibilidade caótica de exploração das subjetividades que são colocadas em movimento. Esse jogo é um dispositivo de produção de subjetividades.

Esse jogo não busca o definitivo - uma conclusão. É um processo múltiplo e indefinido das educações de si. Busca o limite do limite que explode em novos limites quanto mais o experimentamos. Não suscita uma organização, um organismo, mas o avesso, a imagem por trás das coisas, o revés que emerge sem excesso ou falta, mas também, pelo excesso e pela falta. Digo avesso não como condição antagônica, não opondo o fora ao dentro nem o excesso à falta. Digo avesso no sentido de representar a experiência de torcer e retorcer em movimentos

inéditos, de tal forma, que não seja uma simples troca de lado, mas a experiência de não ter lados ou tê-los de forma múltipla e simultânea.

Escorrego assim, arranhando a imagem que se emaranha na teia, ouvindo-me ofegante e atônito à beira do desconhecido que incita. Embarco, a partir de agora, em uma viagem para além do meu reflexo, para além da imagem invertida de mim que se reflete. Aliás, só existe o lado de lá, a imagem, supostamente, invertida.

Procuro não a essência de um eu, mas fragrâncias que dêem conta desse campo móvel, múltiplo, informe: a subjetividade - momentos, instantes, experiências que tornem pra fora, tantos dentro quantos existam guardados, mesmo os que nunca se tenha sonhado saber. Que se encontrem caminhos que o mapa não mostra e que, talvez por segurança de um ponto de retorno, nunca irá mostrar. Porém poder-se-á saber que estão lá. Que seja dito do vivido com mais precisão e erupção de alma que a escrita possa derramar. Que se fabrique uma escrita-monstro, uma escrita-grude, uma escrita qualquer-coisa, que vá além e diga do que anseia a fala. Que depois de tudo ainda haja mais, muito mais a conhecer, muito mais a experimentar, muito mais a dizer e, talvez assim, então, se consiga cuidar mais de si.

Que comece o jogo, que não hajam vencedores ou vencidos, verdades ou mentiras, certos ou errados. Que o sangue jorre e flua livremente na busca da vida, na direção do jogo e ao som das palavras mudas.

Cyberespaço: o tabuleiro que se alastra...

“Subjetividade não é processo de filiação, é aliança; não é ponto, mas linha, linha de chance, linha de fuga; não é uma nem múltipla, mas multiplicidades; não começa nem conclui, se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*”.

(Gilles Deleuze)

O termo cyberespaço é relativo a discussões sobre os avanços e descobertas ligados às novas tecnologias da informação, circulando na área da informática, é relativo ao conjunto de aparatos tecnológicos ligados às telecomunicações digitais. O cyberespaço assume a representação de um conjunto de computadores que podem estar conectados entre si ou à rede mundial, potencializando aspectos de comunicação, de tal forma que a localização física de usuários e das informações disponíveis, torne-se um fator secundário, aniquilando distâncias, aproximando pessoas e informações de todas as partes do mundo.

A utilização da estrutura de telefonia existente e o avanço tecnológico da informática foram cruciais na viabilização da internet, reduzindo custos e facilitando as condições de conexão. Surgiram, a partir daí, uma grande quantidade de provedores de serviços e agenciamento de informações, funcionando como mediadores e potencializadores dos processos de comunicação na internet. São portais que capturam e distribuem informações em tempo real, na forma de uma sociedade de serviços e de consumo, disponibilizando informações, entretenimento, comércio, sexo... A utilização dos *e-mails*², alavancou a procura pela utilização dos recursos disponíveis na internet, revolucionando o sistema de correspondências, disseminando, a cultura digital e a sustentação da

² e-mail – electronic mails – denominação dada aos aplicativos de comunicação utilizados na internet, onde usuários podem enviar e receber mensagens (textos, fotos, som, vídeo, etc..)

sociedade da informação. A partir da redefinição óbvia das noções de tempo e espaço, de natural e artificial, de real e virtual, o cyberspaço coloca-se como um dos grandes objetos de discussão neste novo milênio, o que implica em uma premente necessidade de compreensão das estruturas internas que o constituem.

No cyberspaço, a internet emerge como um potencializador de sinais que disponibilizam ao homem uma maneira de interconexão, fabricando um ambiente que se movimenta em alta velocidade. A tecnologia incorpora-se à prática do ser humano, aplicada como uma prótese extensora dos seus sentidos. Advém uma nova cultura, como “vertigem do pós-humano” que toma forma.

Tudo começou com o “modelão” do cérebro eletrônico: o homem como “modelo” da máquina. A sociedade como metáfora para os sistemas. (componentes eletrônicos e componentes não-eletrônicos). Possibilidade de experienciar a volta completa que fez perder de vista quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha? O cyberspaço copia a humanidade ou a humanidade copia o cyberspaço?

Nasce o ciborgue, mescla de homem e máquina - ambivalente -, “vivendo de um lado e de outro da fronteira que separa (ainda) a máquina do organismo” (Silva, 2000). O cyberspaço é assim um espaço, uma rede de “inteligências coletivas”, de ciborgues, fugindo de uma representação arborescente, sendo mais parecido com um rizoma, uma entidade complexa (um “Cybionte”), auto-organizante e quase-orgânico. A figura do rizoma incorpora-se e confunde-se com o cyberspaço conectando um ponto qualquer com outro ponto qualquer. O cyberspaço é velocidade, é multiplicidade, é diversidade - o cyberspaço é caos.

O escritor *cyberpunk* de ficção científica William Gibson, inventou o termo *cyberspace* no seu "Neuromancer"³ de 1984. Para Gibson, o cyberespaço é um espaço de circulação de informações, em suas mais diversas formas, sendo um espaço não físico ou territorial. O cyberespaço gibsoniano é uma "alucinação consensual" onde podemos nos conectar através de *chips* implantados no cérebro. A Matrix⁴, como chama Gibson, é a mãe, o útero da civilização pós-industrial onde os cybernautas vão penetrar. Ela será povoada pelas mais diversas tribos, onde os "cowboys" do cyberespaço circulam em busca de informações vitais para suas empresas ou suas vidas. A Matrix de Gibson, como toda a sua obra, faz uma caricatura do real, do cotidiano.

Entendemos o cyberespaço à luz de duas perspectivas: como o estado em que nos encontramos quando conectamos com um ambiente virtual (realidade virtual), ou como o conjunto de redes de computadores (BBS, intranets, videotextos, Internet...). O cyberespaço é uma entidade real, parte vital da cultura planetária que está crescendo sob os nossos olhos, não sendo desconectado da realidade, mas, parte fundamental do mundo contemporâneo.

Com a criação da internet surgiram vários aparatos com enfoque a sociabilidade virtual com o claro propósito de atrair usuários, fornecendo-lhes serviços pessoais com os mais variados apelos. Verdadeiras lojas de variedades ergueram-se eletronicamente no intuito de instigar e suprir novos desejos de consumo. Logo no início, a internet não possuía muitos serviços disponíveis, contudo, conforme aumentava

³ William Gibson é um autor de ficção científica americano que vive em Vancouver, Canadá. Desde os anos 70 que escreve contos e o seu primeiro romance *Neuromancer*, livro em que o conceito de Ciberespaço nasceu, foi publicado em 1984. Esta obra ganhou um estatuto de culto, ao criar um novo gênero de ficção científica, apelidado de *Cyberpunk*, paradigma de que Gibson é considerado o pai. William Gibson escreveu, para além do já citado *Neuromancer* (1984), *Count Zero* (1986), *Mona Lisa Overdrive* (1988), *The Difference Engine* (1991), *Agrippa (a Book ok The Dead)* (1992), *Virtual Light* (1993), *Idoru* (1996) e uma coletânea de contos chamada *Burning Chrome* (1986).

⁴ Matrix –*Neuromancer* de William Gibson, transformado em filme de ficção científica para o cinema.

o número de internautas, aumentava a variedade e a quantidade de ofertas. Em meio a esse crescimento apareceram as salas de chat.

A princípio, um ambiente extremamente simples que possibilitava as pessoas “plugadas” buscarem um espaço outro de conversa. Um bate-papo, como no Brasil tentou-se convencionar uma tradução, todavia, o termo sala de chat ganhou potência, acabando por popularizar-se, identificando esse espaço reservado a conversação e a possibilidade de encaminhamento de relacionamentos. Esse grude de terminologia e forma de nominação ganhou monta, inclusive, com a colocação em uso do verbo chatear, não com o sentido corriqueiro e historicamente utilizado, ou seja, algo que é cansativo e não atrativo, mas como a forma de enunciar o processo de estar conectado a internet em um espaço destinado a proposição de conversações e relacionamentos.

O cyberspaço é um complexificador do real, que dilata e aumenta a área de contato do usuário, com os outros e com ele próprio, encurtando distâncias, criando vias outras, vias várias, que fazem trilha no mundo dos relacionamentos e, por conseguinte, no mundo da subjetivação.

O cyberspaço tem a concepção de um espaço de agenciamentos, onde somos suspensos pela abolição do espaço, agenciamos e somos agenciados com as pessoas que entram nos mais diversos meios eletrônicos de socialização. Dessa forma, o cyberspaço é uma espécie de “não-lugar”, que nos possibilita repensar a significação da vida baseada em informações digitais e coletivas. “O cyberspaço é um hipertexto, aberto a múltiplas conexões, a outros hipertextos, e o ‘netsurfista’ não é mais um simples leitor, mas um ator, um autor e um agente de interação com as interfaces do cyberspaço” (Laurel, 1983). Os hipertextos constituem um texto vivo, passível de ser adicionado, subtraído ou transformado. Nesse não-lugar de devir-mundo, passamos

de referências a referências, de servidor a servidor, de país em país com um simples clique do mouse, não importando onde começa ou onde termina o processo.

O cyberspaço é uma espécie de quase-mundo que, num clic, vira mundo. É o lado-de-lá que emula e quase dispensa o lado-de-cá. Ou, pelo menos, nos engole (quando a gente liga o micro e “entra” na máquina, na internet, sei lá. A gente entra lá e sai fora daqui).

Os novos meios de comunicação que coletam, manipulam, estocam, simulam e transmitem os fluxos de informação criam uma nova camada que vem se sobrepor aos fluxos materiais que estamos acostumados a receber. O cyberspaço é um espaço sem dimensões físicas, um universo de informações navegável de forma instantânea e relativamente reversível. O cyberspaço é como a erva daninha, que se alastra e prolifera, sobrepõe-se, tomando o espaço por direções movediças. O cyberspaço é uma efervescência de deslocamentos, evasões e rupturas. Suas conexões escorregam umas por sobre as outras, entrelaçam-se e ramificam-se em todos os sentidos, podendo qualquer uma delas ser conectada a qualquer outra. O cyberspaço é “trama” (Deleuze & Guattari, 1995).

“O cyberspaço faz um descentramento sobre outras dimensões e outros registros, não se fecha sobre si mesmo em uma função de impotência. Ele movimenta-se, entrelaça-se, cresce numa multiplicidade de dimensões, de conexões, como “fios e hastes” que movem as marionetes.” (Deleuze e Guattari, 1995).

O cyberspaço é um sistema desprovido de centro, não hierárquico e não significante, sem a figura explícita de um general, sem memória organizadora ou autômato central, unicamente constituída por uma circulação de estados. Segundo Deleuze e Guattari, o cyberspaço, constrói-se como cadeia semiótica, na forma de um tubérculo que

acolhe a diversidade lingüística, perceptiva, mímica, gestual, cogitativa. Para Deleuze e Guattari “não existe língua em si, nem universalidade de linguagem, mas um concurso de dialetos, de patoás, de gírias, de línguas especiais” (Deleuze e Guattari, 1995).

Um rizoma é feito de “platôs”, que são uma multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas e/ou superficiais de maneira a formar e estender outros rizomas. O cyberespaço é uma geografia de platôs. O Cyberespaço é caótico e extremamente veloz, sem fim nem início. O cyberespaço é o meio, são os múltiplos meios, intensificando-se em potência num movimento de entrada e saída e não de começo e término. O meio aqui não é média, não é estabilidade, ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade - “entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*”(Deleuze e Guattari, 1995).

Nos vemos diante de um processo de desmaterialização do mundo, e da inauguração de um outro tipo de tempo. Se, na modernidade, o tempo era uma forma de esculpir o espaço, com a cybercultura e a tecnocultura, nós assistimos a um processo no qual o tempo vai aos poucos exterminando o espaço.

O cyberespaço é um universo de informação, a encarnação tecnológica de um velho sonho de criação de um mundo paralelo, de uma memória coletiva, do imaginário, dos mitos e dos símbolos. Nos tempos imemoriais, a potência do imaginário era veiculada pelas narrações míticas, pelos mitos. Eles funcionavam como uma verdadeira mídia entre os homens e os seus universos simbólicos, produzindo e reproduzindo culturas. As imagens, os totens e os ícones, mais que simples representações, eram simulações do mundo: eles funcionavam "como se", como “cérebro eletrônico”.

“No final do século XX, nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos - teorizados e fabricados - de máquina e

organismo; em suma, somos todos ciborgues. O ciborgue é nossa ontologia; ele nos confere nossa política.” (Haraway, 1985, p. 65).

Em meio e, por entre, o cyberspaço, urbanizam-se sociedades, formas de um cotidiano, que se ergue e se organiza sob o signo de tribos, dando a luz aos *cyberpunks*, aos *neturfistas*, aos *tecnopagãos*... Nas próteses extensoras e complexificadoras da realidade, tem origem a imagem do cidadão como ciborgue, o que Donna Haraway descreve como uma potencialidade de hibridização - um organismo cibernético, uma ficção que mapeia nossa realidade social e corporal. A ficção científica contemporânea aliás, a realidade, está cheia de ciborgues - criaturas simultaneamente animal e máquina, que povoam mundos ambigualmente naturais e fabricados.

“A fantasia não implica uma fuga do processo de subjetivação, em vez disso, refere-se a um dos mais importantes momentos daquele processo: a encenação e a imaginação do sujeito e de seu desejo em relação a complexos cenários sócio-simbólicos” (James Donald, 1992).

Segundo Deleuze e Guattari, o mundo é concebido como sendo constituído de máquinas que se definem não por qualquer caráter essencial, mas simplesmente porque produzem: o que interessa são os efeitos. Como tal, não há qualquer distinção entre máquinas biológicas, humanas, mecânicas, eletrônicas, naturais, sociais, institucionais... As máquinas se caracterizam pelos fluxos que circulam entre elas: certas máquinas emitem fluxos que são interrompidos por outras máquinas, as quais, por sua vez, produzem outros fluxos, que são interrompidos. Ao conceber o mundo como sendo formado por máquinas, Deleuze e Guattari rejeitam qualquer distinção entre sujeito e objeto, entre cultura e natureza, entre interioridade e exterioridade. “Se com Foucault aprendemos que o ‘sujeito’ é um artifício de linguagem, com Deleuze e Guattari aprendemos que o ‘sujeito é um artifício’ - ponto” (Silva, 2000).

Para a teoria cultural contemporânea, a existência de monstros, ciborgues e autômatos, complicam definitivamente o privilégio tradicionalmente concebido ao ser humano ou, se quisermos, ao “sujeito”, com todas as propriedades que costumam ser descritas no “manual do usuário” que o acompanha (por favor, consulte o seu): essencialidade, consciência, autonomia, liberdade, interioridade. A generalização da simbiose entre máquina e organismo, no mundo contemporâneo, torna cada vez mais difícil distinguir aquilo que é puramente organismo daquilo que é puramente máquina. Essa confusão de fronteiras é magnificamente ilustrada no filme *Blade Runner*, em que a trama gira precisamente em torno da dificuldade de se distinguir “verdadeiros” seres humanos e “replicantes”. “Não é que as máquinas se tornem ‘humanizadas’, mas ao contrário: são os seres humanos que são expostos em toda sua artificialidade” (Silva, 2000).

A questão da subjetividade diz respeito, sobretudo, ao cruzamento de fronteiras: entre o humano e o não-humano, entre cultura e natureza, entre diferentes tipos de subjetividade. O momento coloca o sujeito em *cheque*, despindo-o de uma representação de luz, postulando nas trevas uma forma de movimento, uma possibilidade que não pode ser descartada, mas, pelo contrário, deve ser encarada como algo corriqueiro que, já não se pode, manter à distância. As pegadas do monstro não são apenas a prova de que o monstro existe, mas de que o sujeito pode não existir.

“Senhoras e senhores, lamentamos informar que o sujeito da educação já não é mais o mesmo. Este parece ser o anúncio mais importante da teoria cultural e social mais recente. O sujeito racional, crítico, consciente, ou libertado da teoria educacional crítica entrou em crise profunda. O sujeito crítico da pedagogia crítica é a réplica perfeita do sociólogo crítico da educação que, de sua posição soberana - livre dos constrangimentos que produzem a turvada

compreensão da sociedade que têm os indivíduos comuns –, vê a sociedade como se vê um mecanismo de relógio, tornando-se apto, assim, a consertá-la” (Silva, 2000).

O cyberspaço pode funcionar como potencializador. Nós podemos dizer que com o advento da cybercultura, estamos imersos em um rito de passagem em direção à desmaterialização pós-industrial. O cyberspaço é como o “espelho de Alice” (Deleuze, 1996), uma passagem do indivíduo austero para o indivíduo “re-ligado” (do individualismo ao tribalismo), partícipe e criador do fluxo de informações do mundo contemporâneo, em uma passagem obrigatória para os novos cidadãos.

Os ritos de passagem são rituais que marcam, na vida de um indivíduo ou grupo, a passagem para um outro estado, seja ele biológico ou social. Esses ritos fazem parte de um processo de iniciação (nascimento, casamento, morte, mudança de estação, etc.) criados com o objetivo de instituir uma certa continuidade espaço-temporal e simbólica. Como um ato de passagem, o rito se caracteriza num campo simbólico intermediário, através do qual um indivíduo ou grupo se integra à globalidade da vida social. O cyberspaço pode ser representado como resultado do clímax do rito de passagem da era industrial à pós-industrial, da modernidade dos átomos, à pós-modernidade dos bits.

O ato de conectar ao cyberspaço sugere versões dos ritos de agregação e de separação, onde a tela do monitor possibilita a experiência de um outro mundo. A tela é a superfície de contato entre o individual e o coletivo; entre o orgânico e o artificial; entre o corpo e o espírito; entre o homem e a máquina. É a criação e a eliminação de formas de limite. O cyberspaço é onde se realizam ritos instantâneos de passagem do espaço físico e analógico ao espaço digital sem fronteiras, do corpo átomo ao corpo bit. Conectar-se ao cyberspaço significa ainda, a passagem de um espaço esculpido pelo tempo à

aniquilação do espaço pelo tempo; de um social marcado pelo indivíduo autônomo e isolado ao coletivo tribal e digital, veloz e caótico. O cyberspaço está aberto à multiplicidade; ele é multiplicidade, é potência - ergue-se, multiplica-se, divide-se, entrecoca-se, toma conta, num movimento de atrito. Todas as multiplicidades são planas, uma vez que elas preenchem e ocupam todas as suas dimensões. O cyberspaço ergue-se em seu “encadeamento quebradiço de afetos com velocidades variáveis, precipitações e transformações, sempre em correlação com o fora” (Deleuze e Guattari, 1995). A diferença faz parte do cyberspaço. Tentar interpretar sua obra é como aprisionar o entendimento de sua produção, criando um decalque onde se faria mais apropriado um mapa.

“Todo rizoma compreende linhas de segmentariedade segundo as quais ele é estratificado, organizado, significado, atribuído...; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar: Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma” (Deleuze e Guattari, 1995).

O cyberspaço acolhe quando uma sensação de falta nos assola e, nos remete a um mundo que nos falta, um tempo que nos falta, uma linguagem que falta, na contraposição latente com a sensação de esbarrar no limite do excesso de potência: do desejo, da pulsão, do inimaginável.

Interessa-me, não a arquitetura e a constituição do cyberspaço, não seu urbanismo, nem mesmo sua capacidade de aproximar pessoas, mas como em Alice por trás do espelho, o por trás do cyberspaço, os guetos, os desejos, as subversões, a não dependência de órgãos.

Nesse meu deslocar nômade, por geografias tão múltiplas e complexas, persegui do calor dos desertos à viscosidade refrescante das mais sólidas geleiras, não objetivando a materialização do pote de ouro ao

final do arco-íris, mas a condição do saborear do jogo de cores, da mistura, da ondulação e dos sobressaltos de uma “louca” procura. Nessa empreitada, deparei-me certo dia com minha imagem refletida em uma sala de chat, em traços destorcidos e confusos que, por um instinto qualquer, me arrastavam a montar acampamento para poder melhor olhar ao redor. A sensação era de descoberta de uma fresta, de uma nova trilha, de uma nova fauna, de uma nova flora. A sala de chat era um gueto no imenso cyberspaço onde há muito eu me perdia.

Pelos efeitos das salas, escrevo hoje, borbulhando em delírios em um emaranhado de palavras, a mim, tão próximas. Porém, para aqueles que me lêem, pode não fazer sentido algum. Proponho, assim, um reconhecimento aéreo do terreno do qual me ocupo, diminuindo minha velocidade de marcha para rabiscar em poucas linhas um roteiro de entrada na sala de chat, descrevendo alguns procedimentos básicos de sobrevivência, bem como, uma tentativa de recuperação do processo de apropriação desses territórios.

Inicialmente, a diversidade temática nas salas de chat, eram em número restrito, davam poucas alternativas para quem delas quisesse fazer uso. Porém, atualmente, esse leque de possibilidades ganhou maior diversidade, o que de certa forma, tenta aproximar pessoas através das semelhanças, talvez, com intuito de proporcionar identificação entre os participantes, o que encaminharia, um processo de produção de uma identidade, conforme a temática escolhida. Na prática, entretanto, nota-se um movimento um tanto desconexo, onde a diversidade teima em prevalecer, misturando intenções múltiplas. Isso abre a possibilidade de um processo de desidentificação, ou seja, o lugar ou não-lugar, o tema ou a faixa etária, acaba por tornar-se coadjuvante no processo de edificação de relações, importando sim, a potência das intenções de cada participante em determinado momento.

O apelo sexual coloca-se como uma constante, podendo reverberar, mesmo em salas em que a temática é outra completamente diferente. Se você nunca utilizou uma sala de chat, provavelmente deve estar desconectado das coisas que digo, porém, nunca é tarde, a experiência pode ser interessante e, se não o for, basta um simples clique e você estará distante desse mundo veloz que procuro aproximar.

Existem muitos portais⁵ que disponibilizam a utilização de salas de chat, sendo muito fácil ingressar nesses ambientes. Em meu caso, como forma de delimitar o campo de pesquisa, procurei tramar meus desejos nas salas de apenas um provedor e, preferencialmente, aquelas com temática sexual. Restringi minha participação à noite, normalmente, entre zero hora e seis da manhã, horário em que a tarifação telefônica cobra apenas o primeiro minuto de conexão, o que atrai uma gama significativa de internautas que passam noites inteiras conectados. De qualquer forma, independente do portal escolhido, o procedimento de descoberta de uma sala de chat é muito semelhante. Eu mesmo pude provar disso, pois antes de delimitar o foco de análise, perambulei por vários portais, nos quais diferiam apenas a velocidade de conexão e a forma gráfica de apresentação. Se você tem um microcomputador conectado a rede telefônica e cadastro em um provedor de serviços de internet⁶, então, simplesmente é preciso encontrar um portal que disponibilize a utilização de salas de chat. Existem, porém, portais maiores, mais conhecidos, o que incrementa a demanda de utilização desses espaços, aumentando o número de usuários nessas conexões. É como se morássemos em uma grande metrópole, onde a quantidade e a diversidade de possibilidades de relações é muito maior que em uma

⁵ Ambientes computacionais que disponibilizam uma variedade de serviços através da internet. Funciona como uma revista iterativa, onde podemos verificar acontecimentos recentes nas mais variadas áreas, procurar entretenimento e, inclusive participar de salas de chat.

⁶ Um provedor de serviços de internet é uma empresa que, possibilita aos internautas a conexão à rede mundial de dados, operando como uma agência de acesso. Quando você contrata os serviços de um provedor de internet, seja ele pago ou gratuito, estabelece-se um contrato de utilização de um serviço, o qual proporciona ao futuro internauta um nome de usuário (identificador de conexão) e uma senha (preservação da segurança e privacidade), através do qual, o usuário pode navegar pela internet.

cidade pequena. Entrando no portal, você encontrará uma série de informações dispostas e sobrepostas ao longo da janela que tem a função de organizar os serviços disponíveis. Se você correr os olhos por sobre a página, com certeza, irá identificar um ícone denominado chat, ou bate-papo, que é a porta de entrada para o ambiente das salas de chat. Pressionando esse botão com um clique simples do mouse, você estará ativando uma função de *hiperlink*, ou seja, estará carregando uma outra página (hiperdocumento⁷) que previamente foi vinculada ao ícone clicado.

Você já passou pela primeira etapa, achou a porta de entrada, mas, como na internet uma porta pode dar em várias outras, são necessárias outras escolhas, seguindo o indício de clicar onde se pretende ir, ou, como muitas vezes ocorre, perder-se numa avalanche de possibilidades de escolha.

Na segunda etapa, provavelmente, você poderá fazer a escolha da temática de sua sala de chat, ou seja, se o que lhe interessa é esporte, jornalismo, política, meio ambiente ou sexo. As salas de chat de temática sexual, hoje, representam a maioria absoluta de usuários conectados, principalmente no horário da madrugada. Pronto, é só clicar e você estará a caminho, devendo só esperar a nova página carregar⁸.

Nesse ponto você, ainda, não terá ingressado na sala de chat. Se você escolheu uma sala de temática sexual, deverá especializar seu foco, podendo aproximar suas preferências, ou seja, uma sala eles/elas, eles/eles, elas/elas, fetiches, casais e, uma variedade de outras opções,

⁷ Um hiperdocumento é como são denominadas as páginas que compõe a internet. Essas páginas são uma composição de informações que podem conter, além de estruturas textuais convencionais, imagens, sons, vídeos... O fator diferencial de um hiperdocumento de um documento convencional é a possibilidade da criação de vínculos com outros documentos em qualquer parte do hiperdocumento, possibilitando assim que sejam criadas ligações várias, que de certa forma, abalam a linearidade padrão da escrita e veiculação de informações.

⁸ A carga e uma página na internet é tempo necessário para que as informações contidas no servidor que hospeda essa página sejam transmitidas via linha telefônica até o micro solicitante. .

as quais não se diferenciam muito de um portal para outro. Deve-se novamente clicar na opção de nosso interesse e estaremos em vias de realmente adentrar uma sala de chat.

Escolha seu nickname, ou seja, como você quer ser apresentado as outras pessoas que fazem parte dessa sala. Algumas salas possibilitam a escolha de uma cor, que será atribuída a todos os textos que você escrever. Existe, também a alternativa de utilização de algumas figuras que podem ser incorporadas as mensagens digitadas, normalmente, indicando o estado de espírito de quem escreve. Essas figuras são representadas por desenhos de “carinhas” que podem exprimir desde um sorriso até um grito de xingamento, incrementando assim a intensidade do que está sendo dito. Existem, ainda, outros recursos, que possibilitam a rolagem automática da tela e o envio de mensagens em caráter privado (reservadamente), extremamente utilizada, principalmente quando se tem a intenção de trocar intimidades. Creio que, genericamente, você tem as condições necessárias para provar o gosto de uma sala de chat, bastando você escolher qual, no horário que melhor lhe aprouver, não esquecendo que os paladares são diferentes e que você não é obrigado a saborear de todos os pratos. Prove, deguste, experimente, deleite-se ao sabor das palavras.

O Sujeito das Salas de chat: inscrevendo-se em sua escrita

“Toda escolha é inseparável de uma experiência calcada numa singularidade grávida de acontecimentos”.

(Daniel Lins)

Reviro-me em muitos, mas muitos mais se fazem necessários para tentar explicar com palavras a genealogia de um sujeito do cyberspaço. Um sujeito pós-moderno que, em sua formalidade, reprime e aprisiona o sangue e a carne. Vejo-me, e digo que vejo, como que em um lapso de tempo e espaço, num pré-momento que antecede o que deve ser dito e de alguma forma desmonta a forma do que digo. Tentar explicar o inexplicável, tentar dizer o indizível, tentar colocar as mãos no intangível, de tal sorte que as palavras organizadas sobre certa lógica traduzam o efeito do que aflige, do que impulsiona, do que faz desprender do casulo e adentrar rumo à fronteira. Poderiam ser tantas as maneiras de argüir identidades para o sujeito que navega às ondas do cyberspaço, mas essas maneiras não seriam tão próximas e, não seriam tão vivas. Antes de falar num rebuscado discurso sobre os outros, me dou como privilégio e punição o momento de dizer de mim. Coloco a experimentação em funcionamento, como subsídio primeiro de uma argumentação, de uma retórica, de um discurso. Tocar as cores que contornam de intensidade a figura, pra não dizer das várias, reconhecendo nesse movimento um espaço carente de exploração, de reconhecimento. Desbravar pequenas reentrâncias que, de tão impregnadas e curtidas, escondem a marca das cicatrizes que por muito se negou tocar. Dilatar a ferida, procurando na superfície mal curada, resquícios apodrecidos, restos de carnes fétidas que a razão faz ocultar. Provar do líquido denso e nauseante que dilacera em vida, digerindo os gritos que arrancam a língua e furam os olhos, fazendo espalhar o corpo,

num amontoado de tripas surdas, enfileiradas em incandescente repulsa. Colocar corpo adentro as sobras despidas há tanto, não para preencher espaços, não pra salvar a vida, mas, pra deixar no escuro, o que ali se prolifera, cria e se produz, toma forma, contorna, em um tanto que nunca se fez.

Faz algum tempo, não posso precisar com certeza o quanto, me pus a caminho de algo que faltava dizer e, mais que isso, viver, experimentar e sentir. Talvez impulsionado pelas possíveis facilidades e volubilidades do aspecto virtual que, à primeira vista, afastavam um compromisso de realidade e exposição, me vi penetrando em um mundo que, antes de se constituir, desvendou-se.

A cada dia, a cada nova conexão, a cada investida no sentido de descobertas, via-me mais próximo de mim, enxergando-me muito mais pesquisado do que propriamente pesquisador.

Seria mais simples e, talvez, menos penoso, dizer alhures do que dizer de mim. Porém, as circunstâncias, aquilo que alguns nomeiam destino, impulsionaram um deslocamento rumo a descobertas que me colocaram em movimento, desconstruindo e construindo, modificando coisas e conceitos, paradigmas e verdades. Não importa, muito, o que nomear, mas, importa sobremaneira o como e por que assim nomeá-los.

Estudar o sujeito da cybercultura, como ele habita o cyberespaço e faz do devir-mundo um devir-homem parecia-me, em princípio, um delírio, uma obra de ficção, alheia à realidade. No caminho, vislumbrei a amplitude de uma imensidão, na qual precipitavam-se modos de fazer derreter as geleiras mais sórdidas e mal digeridas. Aconteceu a descoberta de que não era o sujeito da cybercultura que, deliberadamente, eu deveria ser tateado, mas o sujeito, os sujeitos das salas de chat, aqueles que se produzem e procriam aos milhares,

escandalosamente, bem à frente do nariz, desavergonhadamente, teclando desejos.

Muitas vezes me vi perdido, querendo sempre encontrar, explicar e racionalizar a tudo e a todos. Por vezes, me negava a aceitar, pois este movimento rejeitava a mim e a tudo que sustentava minha trajetória. Antes de experimentar, seja um copo de água, ou um ópio qualquer, habita um pré-instante que invade a alma de pura incerteza. Desencadeia-se o desenrolar dos efeitos, pois que, de tudo o que pode ser experimentado, algo fica, mesmo que na sensação da lembrança, mesmo que na seqüela da noite anterior, no dia seguinte. Experimentar, talvez o menos difícil. Mais intenso, porém, é fazer tomar em potência as palavras no dizer do experimentado.

A partir de uma pesquisa bibliográfica, em uma representação de abertura de portas, das tantas e das mias diversas portas que me levaram a tantos lugares que suscitaram a dúvida e potencializaram meu desconforto, colocando à mostra a dor. Nem só de cérebro, de capacidade de argumentação, ou como queiram nomear, se faz uma dissertação.

Comecei essa escrita a partir das tripas, do que não conseguia dizer, do que não sonhava imaginar, do que não aventurava tangenciar, de um amargo gosto das vísceras que mastigava e degustava, muitas vezes, na companhia íntima e próxima de Artaud. Fiquei muitas vezes fritando a sombra do irrealizável ou, realizando coisas com o sabor um querer mais, criando sensações de falta, de incompletudes, de frustrações que encaminhavam para uma busca infinita.

O movimento de deslocamento insinuava uma necessidade de mudança nas rotas, fazer outros mapas, buscar outras formas, colocando corpo a fora um novo engendramento de si. Se existe uma condição plausível de

estabelecer-se marcos em uma trajetória, com certeza, Artaud seria esse marco mais caro.

Mas quem me lê pode perguntar-se, sobre a questão do sujeito das salas de chat. Afinal, assim nomeei esta parte do meu texto. Eu poderia dizer, desavergonhadamente, talvez, que o sujeito do cyberspaço está aqui, em cada palavra, em cada linha e, ao mesmo tempo, não está. Como delírio que toma corpo em palavras, num grito que não tem som, faço, ou pelo menos tento, do artista, autor e protagonista da obra.

Quando se escreve derrama-se em palavras o efeito de se perder de si. Como poder dizer desse sujeito das salas de chat, sem demonstrar as “virtudes” de um personagem, as vicissitudes de suas idéias e o paradoxo de sua existência? Parece-me, ao reler o que escrevo, que me visto poeta, procurando, talvez, uma forma mais bruta, uma forma possível de desencarnar e, dar passagem aos incorporais do corpo, ou simplesmente, uma forma de poder dizer.

Por certo, ao longo dos tempos, a escrita suscita curiosidades, particularidades e singularidades várias, ao passo que monta e desmonta o tempo e o espaço, inscrevendo obras na direção do infinito. Os autores se vão, mas suas obras permanecem, mantendo-os vivos e atuais, como em um encanto de rumo a imortalidade. Os leitores fazem das palavras escritas um território sem dono, que pode ser povoado e cultivado, como potência na criação de novos mundos, inéditos e inesperados.

“Mas a palavra tem seu próprio caminho; ela cria um percurso; nós não somos desviados em seu âmago, no máximo em seu uso. Mais, talvez: como se estivéssemos afastados do visível, sem termos retornado ao invisível. Não sei se o que estou a dizer diz algo. É simples no entanto. Falar não é ver. (...) A terrível palavra ultrapassa

todo limite e, até, o ilimitado do todo: ela toma a coisa por onde não se a toma, por onde não é vista, nem nunca será vista; ela transgride as leis, liberta-se da orientação, ela desorienta". (Blanchot, 2001)

Chama a atenção, sobremaneira, não o quê, mas, o como escrever. Escrever com a mente, cartesiana-mente organizando e estruturando um raciocínio de causa e consequência? Ou, talvez, arriscar uma escrita ao avesso, que por si traga à tona o avesso de quem se entrega à escrita? Escrever-se, um desafio que desacomoda, que desloca e faz alçar o ar processos de subjetivação, inscrevendo-se com palavras que tem sangue, que são sangue.

Uma escrita de prazer sem pudor, que efervesce em desejo, em um tipo que escorre em suor, que alaga todo o instante, que inunda o tempo e aniquila o espaço.

Derramar-se por sobre a folha branca do papel, semelhante ao mar que lambe e refresca a pele em um dia de calor, em ondas que, como lábios, vão batendo e rebatendo por sobre si. É o desejo que toma conta, que se esparrama e possui, alterando as formas, alojando e aleijando os espaços. É a folha branca, que se forma e se deforma, consumindo-se em palavras que se amontoam sobre ela - é impossível separá-las. É uma escrita da carne, que encarna os não-lugares, podendo abrigar em segundos os espaços inimagináveis, os discursos indizíveis e as forças inabaláveis. E isso se alastra, se entrelaça, como um borrão de tinta. É uma escrita que não tem idioma, que sarrupia e se apodera da linguagem, simultaneamente abstando-se dela, paradoxo da criação do incriável, de uma linguagem que não tem sintaxe, em um espaço que não é espaço, é potência, é desejo.

Escrever, inscrevendo-se na empreitada do rumo ao limite do limite infinito, daquilo que falta e que se tem de sobra. Sorver o gosto de cada linha, degustando o ritmo e o rito da escrita. Permitir-se a gula do querer

sempre mais... de si e do que se escreve, tanto e tanto, que em dito, ou não dito momento, não se possa discernir a diferença. Querer ser parte daquilo que se escreve e, que a escrita seja parte de si. Procurar aquele movimento do preencher de folhas em branco, não como enchendo um saco de coisa qualquer, mas, esvaziando os sacos de muita coisa, coisas que nem mesmo se sabe.

Como se aproximar do limite, da escrita que goteja sangue e suor da ponta da caneta, que se esgueira por entre medos monstros?

Como colocar em movimento a sensação do desejo que não tem nome, que não tem lugar?

Como exorcizar os demônios cuspiendo palavras como línguas de fogo, consumindo o doce e meigo papel branco que aguarda?

Como escrever sem pensar, sem medir, sem mentir?

Será possível a aproximação de um corpo-sem-órgãos pelas vias de uma escrita sem clichês, ou, seria isso um outro clichê?

Em meio, e por entre tantas questões que afligem a alma, surge a dor da tensão que sustenta o corpo inerte, que deforma a musculatura perene, que desarruma o organismo que explode em mil pedaços. Emerge um sentimento que, prazerosamente, beira a loucura, que transita equilibrando-se no fio da navalha que rege o rumo das coisas, regendo sem orquestra como artista do absurdo.

Intensidade - ser intenso -, eis a procura. Romper com laços, destruir espaços, apoderar-se do tempo. O mundo gira e, giramos com ele, em voltas de vinte e quatro horas exatas e históricas, isto está posto. Entretanto, resta e sobra o interstício, o entremeio, a infinita distância que une os pontos, que separa, que cabe e no limite da qual nos fazemos atores. Oportunidades são reclamadas sempre, justificando o fracasso. Coloca-se a culpa no tempo que falta para tudo que se tem por fazer e, então, se formula a desculpa - confissão.

O quadro, por vezes, pinta-se um tanto mórbido, com tripas, sangue, dor, terror, medo, monstros, dilaceramento. São sentidos que vem a superfície, borbulhando os deslocamentos que desassossegam. Todavia, também, emergem paisagens outras, que navegam por outra margem, por outras margens, talvez, mais claras e doces, quiçá prazerosas e cintilantes, acrescentando um toque doce ao sabor amargo. Entretanto, os movimentos de estripamento, têm efeitos mais prolongados, entranhando nas narinas, enchendo os olhos de espinhos, cutucando a carne morta e inerte com alfinetes que procuram a cada espetada um resquício de vida. Perceber-se no que está podre, não como forma de chorar a perda, mas na abertura de possibilidades de mudanças, na reterritorialização dos espaços, na invenção de devires-outros, na criação de novos lugares, de outras paisagens. Manter-se em movimento, pisando e repisando as coisas, sem subterfúgios de desvios fáceis, pela experiência de sentir a geografia que atravessa o corpo e inunda a alma com seus efeitos, municinando estratégias de poder fazer diferente o que se tomava como pré-suposto já estar determinado e hegemonicamente instituído, criando assim, pelo esfacelar dos muros, sensações que aflorem em benesses e prazeres de novas descobertas. Descobrir-se, no sentido de retirar certos mantos, certas máscaras, provando do improvável de outros caminhos, aguçando outros desejos, proliferando novas marcas.

E a folha branca do papel continua ali parada, como a tela em braço a ser pintada, esperando quem sabe por golpes extasiados de uma caneta enlouquecida, ou de mãos estremecidas de desejos, na espera de poder respirar em vida, erguer-se em obra, ser singular.

Todavia, a espreita pode representar o não alternar de lugar, jogando as fichas na fabricação de um deslocamento para além de si. O jogo de espera pode reter o sujeito em infinita inércia, na continuidade de assistir o mundo passar, contudo, também pode ser um modo

estratégico de procurar o momento propício, criando possibilidades de desferir um golpe incisivo e fatal. Com o toque incontido do dedo nessa ferida, anseia-se a dor como um sinal de, ainda, se estar vivo e escrevendo poesias de si.

Vislumbro no amontoar de palavras sem ordem, sem limites e sem amarras, um mapear do que fazemos de nós e a foto não mostra. Degusto o sentido do verbo que enlaça quadros perdidos, movendo geleiras, derretendo as entranhas. Fazer do poema um carma, um paraíso e um purgatório, um sacrifício e uma glória. Assim ir seguindo, indo e vindo, procurando pra não encontrar, pois não se busca aprisionar um desejo, findá-lo, mas, prolongá-lo e, aguçá-lo o quanto puder, pois, é assim que nos temos em prazer.

Na poesia, encontra-se guarita na entrega aos versos que navegam em pulsão, provocando nas suas ondas de potência uma companhia mais próxima de si, um conhecimento de si, um cuidado de si. A forma de empilhar palavras, sem uma condição anterior que determine uma forma, um modelo é, sem sombra de dúvidas um desafio. O homem transborda enquanto desafia seus limites, mesmo que estes sejam interiores e passem pela corrente sanguínea e se percam na direção da fecalidade. A escrita pode ser bruta, em estado latente e, mesmo fétida pode, exalando o perfume do estrume, fazer-se bela e atraente, enquanto parte presente de um ser do qual não se pode fugir.

O teclar da sala de chat abre outras formas de escrita, inclusive de poesia. Enquanto se tecla, derramando desejos e afetos, via de regra de forma veloz e, totalmente, capturado por situações que aguçam os sentidos, pode-se, também, desencadear um processo de escrita poética. A subjetivação se produz enquanto se tecla, entretanto, pode-se escrever poesia enquanto se tecla, numa tentativa de criar meios que possam dizer dos rastros que ficam, dos efeitos que deslocam e

transformam. Pode-se fazer poesia tecendo, simultaneamente escrevendo, aproximando dois mundos. As escritas dispõem-se de forma diferente, elegendo signos que se entrecruzam na ânsia de dizer do que se vive. A intenção tem uma mesma natureza, ou seja, fazer jorrar o que não se pode conter, criando representações que permaneçam, mesmo quando a sensação já se foi.

Na poesia escreve-se conectado, em tempo presente, inscrevendo a linguagem como prática de relacionamento que permite as relações. A poesia, escrita no papel, como costumeiramente se faz, trabalha desconectada da situação de afecção que a produziu e, portanto, num tempo passado, trafegando nas pegadas do acontecimento, enquanto a poesia da sala de chat se faz como via de construção de acontecimentos que possibilitam a produção de subjetividades. A poesia é uma construção, que em palavras procura traduzir sentimentos que vertem pelos poros, na busca de infinita de poder dizer do está sendo sentido. Quem tecla, reinventa uma forma de escrever poesia, ou seja, coloca em palavras o que desacomoda e já não pode ser contido, contudo, num outro movimento, como uma terceira margem. Outro modelo, porém, o mesmo jogo de intenções. Instrumento diferente, entretanto, máquina de mesma função.

Serve, também, para isso o poema, e dele me sirvo assim, colocando para fora o que não posso, pelo volume ou potência, aprisionar. Através da poesia covo uma linha de fuga que permite dizer de certas coisas, sem que ato seja julgado. Dessa forma, aproximo intimidades. A poesia descarta as amarras que fazem sucumbir às vontades, resguardando a privacidade de poder mostrar vários rostos e degustar novos gostos.

Na poesia descarrilam turbilhões de imagens, que se produzem pelo constante choque, auferindo luzes brilhantes a ínfimos pensamentos que, em extasiantes momentos, transbordam-se em palavras. Compor

em linhas, com palavras, sentimentos e cores – confusos e difusos – é, sem a menor sombra de dúvida, um desafio – o desafio.

Dizer por dizer todos dizem. No entanto, sentir-se no que é dito, o que foi e será dito e, ainda mais além, o que se consegue erguer em palavras fantasiadas de tinta de uma caneta, ou no ruído de teclas que procriam, é delírio de poucos. Falar de si, vislumbrando na escritura de um poema aquele intervalo sem nome, onde a mente sede a sede, indubitavelmente, criando um espaço vazio que enche e preenche, “contagiosa-a-mente”, todos os espaços, mesmo aqueles que nunca se imaginou serem seus; o que com certeza não se sabe.

É uma sensação que relaxa o corpo; corpo que encolhe, diminui e, distancia-se, já não mais importando. Quando se escreve um poema, na inscrição de devir poema, abdica-se a luz pela ausência da escuridão, como se não mais se precisasse falar, pois tudo é intenso sentido. Escrever um poema é como sonhar de olhos abertos, puxando pra perto tudo que vier. Não creio ser um exercício de busca de profundidade, de algo escondido, mas, de outra sorte, o deixar emergir a superfície, à margem o que quer mostrar-se.

Quando menos nos damos conta que pensamos, mais e melhor podemos escrever. Colocar a caneta em um plano vago. Fazer das teclas parte do corpo. Inventar uma geografia desconhecida. Produzir encantos de poder e ter poder, de criar algo mais distanciado dos filtros e das verdades pedantes. Algo como nunca pensado antes. Algo que não vem, que surge. Algo que não ilumina, cega. Algo que não é sentimento e que é um puro sentir.

Um devir poema enlouquece o corpo, faz fluir a cor e o odor, embaralha os olhos e entorpece as narinas; emana um perfume indizível, que não tem nome, mas, pode ser inesquecível conforme o tato. Poderia-se, quem sabe, escrever cem páginas, talvez sem páginas também fosse

possível e, mesmo assim e apesar de tudo, faltariam linhas, faltariam páginas para dizer do sentido, do vivido enquanto se escreve. Entretanto, curioso é o prazer na proximidade de dizer sem, no entanto, ter dito. Aguçar os sentidos, burilar a presença, vislumbrar uma imagem, semear os instintos.

O ineditismo da sala de *chat* cumpre esse espectro de engendramento, porquanto faz de cada sessão uma nova possibilidade de afecção, uma nova instância de relacionamento, uma outra oportunidade que se desdobra conforme o alinhamento de forças que se faz presente. O conectar, nesse ambiente instável, é mais que a possibilidade de entrar em erupção é a condição de dar vazão a linhas de alterabilidade, não sendo necessário à prescrição da permanência, mas sim, à volubilidade de se fazer diferente a cada instante, provando do ineditismo de nós e do mundo que nos fecunda. A sala de *chat* desidentifica, numa aproximação que remete a não necessidade de pertencer-se a determinado grupo, pelo menos, não por todo tempo.

Tornar-se disponível as mudanças, transpondo a condição confortável de permanecer em território conhecido, talvez, a condição primeira para colocar em funcionamento o dispositivo de subjetivação das salas de chat. Colocar-se como módulo inacabado, suscetível a novas formulações. Degustar a experiência de viver situações, incrementando o leque sabores do viver um dia após dia sem a necessidade de um manter-se estável. Relegar a obrigatoriedade de uma identidade fixa e permanente e lançar-se num devir-camaleão, adaptando-se as circunstâncias dos acontecimentos, compondo a cada instante uma nova paisagem, uma nova geografia.

A sala de chat funciona como módulo de experimentação, fornecendo através dos seus engendramentos possibilidades de deslocamentos, possibilidades de autoconhecimento. A sala de chat é potência de

relação que, pelo cruzamento das linhas de fuga, mistura intenções, funde afetos e desejos, produz afecções e prazeres.

O viajante que permite usufruir o reflexo de seus anseios, projetados e ampliados pela permissão de deixar seu lugar de origem e propagar-se pelas séries inusitadas que preenchem seus desejos, transcende a idéia corrente de continuidade de um viver que, na contrição de uma estabilidade necessária, amortece e emudece os gritos de si.

O *chat*, por si, é sem vida. Contudo, pela potência de quem dele se utiliza, promove rupturas que procriam e fazem surgir das sombras o brilho da intenção de aproximar desejos, como forma que em um instante qualquer o prazer possa tomar a superfície e fazer revigorar os movimentos incontidos de si que amordaçados são guardados nos guetos das sombras.

Quando se ingressa em uma sala de chat vazia mergulha-se no abismo da não relação, da incapacidade de fazer conexões, na impossibilidade de trocar afetos e desejos. A sala só acontece como dispositivo de subjetivação pela capacidade do entrelaçamento de intenções. Quando as intenções atravessam e são atravessadas, são produzidos efeitos pela sobreposição de desejos e afetos, que alteram as condições do jogo, propagando novos lances, novos deslocamentos, inventando um mundo novo, compondo outras séries de significados. Jogar na sala de chat demanda liberar instintos, quebrar paradigmas, procurar na sombras formas de respingar um pouco de clareza nos modos de viver, nas formas de dizer, nas possibilidades de sentir e ser sentido.

As salas de chat como forma de produção de corpos-sem-órgãos pressupõe a entrega ao delírio do poder mover-se sem bússola, explorando o desconhecido, não como condição de vislumbrar novas terras, mas pela necessidade que incita um teste dos limites, como forma de indicação da potência de jogabilidade.

Não cabe e, nem está sendo proposto, um juízo de valor que promulgue certos e errados, mesmo porque são gostos diferentes em tempos diferentes, não tendo que atender a todos. Pelo contrário, pode, e quem o suscita, quer atender a seus paladares em particular. Essas relações nas salas de *chat* erguem-se sobre o manto do esquisito, como algo que diverge das relações previamente elencadas e aceitas.

As salas de *chat* não comportam corpos dóceis. Elas não se fantasiam de um propenso paraíso, mas reverberam-se e produzem-se no e pelo momento presente, daquele que se conecta e se espalha, na busca de deixar alastrar seus desejos. A sala de *chat* é desequilíbrio, é instabilidade, é um jogo que se constitui e toma conta pela condição de fazer-se sem nunca estar pronto, estando sujeita e sujeitando seus participantes à diferença, à multiplicidade, à metamorfose. A sala de *chat* é um devir-lugar que não tem bandeiras mas produz identidades temporárias e fugidias que dão conta do momento, compondo uma imagem, que mesmo após esmaecer espalha seus efeitos.

Desconectar do corpo, talvez o princípio artaudiano mais complexo e, talvez, o mais básico. Como encontrar o que falta, se o que temos nos prende e não dá conta do que desejamos? Deleuze e Guattari trabalham esta idéia de um corpo-sem-órgãos, uma desconstrução progressiva do que nos faz organismos - seres vivos organizados pelo funcionamento de órgãos - na busca do fora. Afora seres vivos, pensantes, andantes, cagantes, o que podemos ser? Poderemos, realmente, ser algo diferente qualquer a partir destes órgãos, ou teremos que nos mutilar? Um corpo-sem-órgãos supõe uma desorganização? Afinal o órgão é unidade fundamental da organização! A conexão em uma sala de *chat* produz deslocamentos no sentido do entrecruzamento de coisas incorporais que produzem efeito nos corpos, podendo constituir uma forma de produção de afecções? O teclar/teclando, como forma de dobra do

pensar/pensando pode aproximar movimentos de produção de afetos e, por conseqüente, uma forma de produção de subjetividade?

Sociedade de Controle: espaço de confinamento?

“É preciso reencontrar a idéia de que a inteligência é coisa social mais que individual, e que ela acha no social o meio intermediário, o terceiro meio que a torna possível. (...) Nós reencontramos a conclusão seguinte: o homem não tem instintos, ele faz instituições”.

(Gilles Deleuze)

Encontramo-nos em um momento de transição em relação aos meios de confinamento, onde novas forças se estabelecem com grande velocidade desencadeando “formas ultra-rápidas de controle ao ar livre”

⁹.

Foucault situou as sociedades disciplinares nos séculos XVIII e XIX; atingem seu apogeu no início do século XX. Eles procedem à organização dos grandes meios de confinamento. O indivíduo não cessa de passar de um espaço fechado a outro, cada um com suas leis: primeiro a família, depois a escola (“você não está mais na sua família”), depois a caserna (“você não está mais na escola”), depois a fábrica, de vez em quando o hospital, eventualmente a prisão, que é o meio de confinamento por excelência. (...) Mas as disciplinas, por sua vez, também conheceriam uma crise, em favor de novas forças que se instalavam lentamente e que se precipitariam depois da Segunda Guerra mundial: sociedade disciplinar é o que já não éramos mais, mas, o que deixávamos de ser. (Deleuze, 1972)

Vivemos a era da sociedade de controle, visível a partir da “crise generalizada de todos os meios de confinamento”, desencadeando um processo de reforma dessas instituições, declarando assim, abertamente, que elas estão condenadas, seja a curto ou em longo prazo. Deleuze anuncia:

⁹ Consideração de Paul Virillo analisando a substituição das antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema fechado.

“Trata-se apenas de gerir sua agonia e ocupar as pessoas, até a instalação das novas forças que se anunciam. São as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares. (...) Não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou o mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições. Por exemplo, na crise do hospital como meio de confinamento, a setorização, os hospitais-dia, o atendimento a domicílio, puderam marcar de início novas liberdades, mas também passaram a integrar mecanismos de controle que rivalizam com os mais duros confinamentos. Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas”. (Deleuze, 1979)

Nas salas de *chat*, porém, sinto um movimento alternativo numa composição de forças que traça um novo diagrama dessa sociedade de controle. As possibilidades de experimentação, onde posso provar de todas as poções, ingerir os remédios e os venenos, não me negando a gostos e gestos. E no entremeio de tudo pensar, refazer, todavia, não parar de ir, para longe, ir. Talvez, o sentimento de proximidade comigo mesmo e, com os outros, me abra caminhos outros que sustentem a minha intenção primeira de ir adiante, escapando como os fluxos escapam pelas linhas de fuga.

As sociedades têm suas diversidades e particularidades, porém, cada uma delas possui um tipo de máquina: máquinas simples ou dinâmicas, para a sociedade de soberania; máquinas energéticas para as sociedades disciplinares; as cibernéticas e os computadores para as sociedades de controle. As explicações, todavia, não são encontradas nas máquinas, mas, a partir de análises do contexto dos agenciamentos dos quais, as máquinas são apenas uma parte. A correspondência sociedade-máquina acontece não porque as máquinas assim determinam, mas porque elas representam as formas sociais que lhe dão condições de nascer e se desenvolver. As máquinas são produtoras de desejos e, conectando-se a todas as outras, concebem um processo

de produção, de distribuição, de consumo...Segundo Gilles Deleuze, o cérebro funciona como limite de um movimento contínuo reversível entre um dentro e um fora, como uma membrana entre os dois. Maneiras novas de pensar, bem como, novas trilhas cerebrais não podem ser explicadas pela microcirurgia. Essa explicação, segundo Deleuze, é a ciência que deve dar conta de descobrir, explicando assim, o que pode ter havido no cérebro para que se pense de uma ou outra forma. Essa responsabilidade atribuída à ciência me encaminha um sentimento de dúvida, o que me leva ao questionamento de até que ponto nossa ciência contemporânea não se vale de funcionamentos criados e explicados por ela?

De minha parte, tenho minhas desconfianças. Prefiro experimentar, indo até onde me seja possível, mesmo que por vezes eu não tenha para onde ir e, as palavras me faltem. Deleuze vai além, colocando em discussão a questão de que por vezes as pessoas agem como se não pudessem se exprimir, mas, segundo ele, as pessoas não param de fazê-lo. Na concepção de Deleuze, o que ocorre é que estamos cercados de palavras inúteis, de uma quantidade demente de falas e imagens. A besteira nunca é muda, nem cega. É necessária a produção da criação de espaços de garantia do silêncio e da solidão que possibilitem as pessoas ter algo a dizer. Possibilidade de não ter nada a dizer, que o poder dominante agride fazendo com que as pessoas forçosamente tenham que se exprimir. Quebra de paradigma de uma sociedade de controle que não obriga a calar, pelo contrário, obriga a dizer. O sentido das coisas é perpassado pelo interesse que temos por determinadas proposições. Nesse caso, a sociedade de controle põe em jogo uma efervescência de novidades que reagem com a velocidade caótica do mundo contemporâneo. Essa estratégia fabrica uma produção de proposições a partir de uma diversidade de produção de sentidos. Muitas vezes, pela não criação de um espaço de silêncio e solidão,

acabamos por nos deixar levar, escutando outras pessoas por um longo tempo, sem termos o menor interesse. Como dizer a outras pessoas que o que elas dizem não nos é interessante? Afinal, o que as pessoas dizem e, que não nos interessa, pode não estar errado, porém, são coisas já ditas e reditas por muitas vezes, ao longo de muito tempo, que acabam por se tornar besteiras ou, simplesmente coisas que, mesmo sendo novidade, não nos produzem interesses. A sociedade de controle, assim como a sociedade disciplinar, utiliza-se da repetição de enunciados como uma das formas de fazer valer seu poder, produzindo, dessa maneira, o fortalecimento de suas significações dominantes.

Estamos vivenciando uma mutação existencial coletiva, cujos objetivos não são claros, sejam eles libertadores ou conservadores. De qualquer forma, um processo de mutação desinstala tudo. Através do seu movimento são produzidas novas vias de subjetivação que fabricam novos sujeitos. Tu, eu, nós. Continuando a explorar o conceito de Deleuze, somos produção de máquinas. Máquinas sociais (família, educação, meio-ambiente), máquinas midiáticas (o complexo dos meios de comunicação) e, agora, além das máquinas tecnológicas usuais, outra específica - o computador. É a demanda de uma nova forma de produção da subjetividade como força que vem de fora. Qual seria o nome dessa força? Computar? Misturada com outras nossas forças como: imaginar, recordar, esquecer, pensar, sentir, desejar, conceber, querer, atrair, repelir. Como seria a resultante de tais forças? Uma força que produz que afetos? Que formas seriam produzidas por tais afetos? Talvez, não mais as formas que conhecemos, as dominantes, as hegemônicas, não mais a forma-Deus, não mais a forma-Homem, mas outra.

Vivemos em um limite, que separa de modo tênue homem e computador, produzindo dessa forma uma máquina mutante que velozmente toma forma. As coisas que nos fazem sentido são aquelas

que nos interessam de alguma forma, ou seja, somos produzidos a partir de um jogo de sedução. Talvez aí a linha mestra que sustenta a solidificação e o crescimento da sociedade midiática; o controle a partir de aparatos que instigam nosso interesse, fabricando dessa forma uma série de sentidos que nos mantém envoltos em jogos de sedução de nós mesmos.

As salas de *chat* funcionam como um agenciamento desviante que seduz seus participantes, numa proposição de sentidos que subverte o padrão dominante, proporcionando dessa forma buracos nas linhas de comportamento esperadas como resultante das forças dessas relações. Esses ambientes podem ser tidos como ambientes de resistência ao comportamento hegemônico vigente, criando um espaço outro, dentro da sociedade de controle, que proporciona outras formas de produção de subjetividade. Entretanto, paralelamente aos buracos proporcionados pelas salas de *chat*, são fabricados novos desejos, que acabam por produzir novos comportamentos, tendo como resultantes linhas de fuga, que logo se endurecem e produzem um outro padrão dominante. Eis uma pedra no caminho! Daquele tipo de pedra que sempre teima em estar no caminho. Em meio e, por entre a minha trama de desejos, dos mais diversos que fabrico, como ficam aqueles que me aniquilam? Pergunta que me faço e para qual, ainda, não tenho resposta. Todavia, permito a maré subir e com o sopro do vento que respiro, volto a navegar.

Fantasia, ficção, alienação, quem sabe? E por que não? Não necessitamos de ingredientes desse tipo como forma de instigar nossos processos de produção de subjetividade? Ou devemos nos abster de poder provar do gosto do desconhecido, do ilusório, do fantasioso? Até que ponto esses ambientes, ditos ficcionais, podem esculpir marcas que teimam em permanecer, mesmo após a conexão desfeita?

Novamente vem à tona a questão da virtualidade como antagonismo à realidade, todavia, reitero que o virtual é, não mais, que uma outra das tantas formas possíveis, de atualizarmos a realidade. Podemos estar vivendo uma forma inusitada de confinamento e, temos que provocar uma reflexão a respeito. Atualmente, cada vez um número maior de pessoas incrementa o mundo da *internet* e, muitas dessas pessoas fazem disso mais que uma diversão, mais que um passa-tempo. Conectar-se, parece não ser somente uma escolha, mas uma necessidade, uma forma compulsiva, que atrai e mantém milhões, confinados a céu aberto. Como e por que, o mouse gruda em nossas mãos? Como e por que, o monitor de vídeo parece hipnotizar nosso olhar, a ponto de penetrarmos em suas imagens e vivermos como Alice em seu país das maravilhas? Como e por que, o teclado ganha vida e se faz produtor de palavras, de sentidos, de sentimentos?

Realidade ou não? Confinamento ou não? Ficção ou fantasia, e o que mais se quiser erguer como conceito, não dará conta de explicar o que só se pode sentir experimentando. O certo, é que estamos diante de algo que afeta diretamente nossa forma de produção de subjetividade, produz fissuras, derruba e ergue preceitos, cria vias alternativas, funciona por afecção. Bom ou ruim, benéfico ou maléfico, ou uma série de outras séries binárias que pudéssemos implementar, não importa, as salas de *chat* existem, estão lá, estão aqui, repletas de diversidades, de multiplicidades. Quem sabe, esperando por você?

Salas de *Chat*: um acontecimento do não-lugar

**Onde seus olhos estão / as lupas desistem.
O túnel corre, interminável / pouso negro sem
quebra
de estações.
Os passageiros nada adivinham.
Deixam correr / Não ficam negros / Deslizam
na Borracha / carinho discreto / pelo cansaço
que apenas se recosta / contra a transparente
escuridão.**

(Ana Cristina César)

O não-lugar é a criação de um espaço solitário, inscrito e simbolizado, de “espaços que não são em si lugares antropológicos; são espaços que não integram os lugares antigos” (Augé, 1992). Assim me parecem as salas de *chat*, que, a partir de um *login*, proporcionam a possibilidade de identificação de um usuário, ou seja, uma identidade e, por conseguinte uma representação de um espaço de circulação. Não importam lugares anteriores, interessando apenas o instante, mesmo que seu lugar anterior “nunca seja completamente apagado e o não-lugar nunca se realize totalmente, em um jogo embaralhado da identidade e da relação” (Augé, 1992).

“Os não-lugares são a medida da época; mobilizam o espaço extraterrestre para uma comunicação tão estranha, que muitas vezes só põe o indivíduo em contato com outra imagem de si mesmo” (Augé, 1992).

O usuário experimenta uma forma de comunicação não-padronizada e estranha à realidade dos lugares geográficos. São produzidas novas dimensões, novos espaços, que antes não existiam e que, desta forma, nunca voltarão a existir. De algum modo, o não-lugar e o espaço não se contrapõem, apenas experimentam uma relação de simultaneidade e coexistência. “O espaço é um lugar “praticado”, “um cruzamento de

forças motrizes”: são os passantes que transformam em espaço a rua geometricamente definida pelo urbanismo como lugar” (Augé, 1999).

Uma sala de *chat*, por si só, não tem representação; é simplesmente um terreno desabitado, sem vida e sem função. Os sujeitos que nela circulam, envoltos em suas múltiplas identidades, transitórias e temporárias, potencializam um movimento de criação, edificando relações. Verdadeiras cidades se erguem em um lugar que é não-lugar. É um espaço que nasce do nada, com suas formas e seus sentidos. São múltiplos pontos que, em questão de segundo, vão, geometricamente proliferando, entrelaçando-se na direção da criação de uma grande trama. Uma trama com várias formas e texturas que brotam como linhas de intencionalidades autoconstruindo-se nas mais variadas direções. Cada duas ou mais pessoas que conversam de forma privada, estabelecem dimensões paralelas; espaços com sentidos e intenções próprios, cada qual construindo um corpo-sem-órgãos, como possibilidade de experimentação de relações.

As salas de *chat* urbanizam-se pela junção aleatória de várias “máquinas”, criam seu espaço que, através e a partir dos jogos de linguagem, se efetivam em relacionamentos. A sala de chat é movimento efervescente de encontros e desencontros. Contratos públicos e privados são estabelecidos, encaminhando convenções sempre inacabadas, satisfazendo o presente de um determinado tempo, criando vias que dêem conta de produzir os deslocamentos necessários. Os contratos podem, a qualquer instante, receber adendos ou rasuras, em um movimento sucessivo de realinhamento das partes, constituindo uma amálgama viva que respira desejos e afetos.

As salas de *chat* propiciam experiências novas e “vivências de solidão” que, de certa forma, são impostas às “consciências individuais”. A experiência de uma sala de *chat* é como o “afastamento de si mesmo e

a colocação simultânea do espectador e do espetáculo nem sempre ausente disso" (Augé, 1992).

"Existem palavras que fazem imagem, ou melhor, imagens: a imaginação de cada um sobre... pode dar livre curso apenas ao ler e ouvir esses nomes. Certos lugares só existem pelas palavras que evocam imagens, não-lugares neste sentido, ou antes, lugares imaginários, utopias banais, clichês. A palavra cria a imagem, produz o mito e ao mesmo tempo o faz funcionar Na realidade concreta do mundo de hoje, os lugares e os espaços, os lugares e os não-lugares misturam-se e interpenetram-se. A possibilidade do não lugar nunca está ausente de qualquer lugar que seja" (Augé, 1992).

A sala de chat pode, pelo afastamento de si, provocar outras formas de encontro, produzindo um paradoxo de aproximação pelo afastamento, do conhecimento de si pelo despir-se de ser.

Nas salas de *chat*, escadas, atalhos e mapas são, a cada segundo, colocados no jogo. A cada instante esse espaço se desloca por entre conversas privadas e públicas, permeadas de sexualidade e contradições, modificando regras e descontinuando preceitos, produzindo novas formas de descolamento, abrindo possibilidades diversas a cada vez que se joga. O dispositivo é sempre o mesmo, mas as formas de jogar não se repetem, requerendo do jogador a habilidade de descortinar novos caminhos, cavar novos atalhos, fabricar, a cada vez, um novo território e, a partir dele, constituir seus lances como estratégia de captura de sentidos. A linguagem representa a expressão das intenções, erguendo-se como elo de ligação entre o imaginado, como extrato de desejo e, o passível de ser realizado, como efeito de prazer. Nesse sentido, as palavras assumem uma função bélica, configurando forças que quando tencionadas descarrilam possibilidades de embate, não como um poder que oprime, mas como a geração de um espaço por onde as coisas criam-se e procriam-se, confrontando

intenção e resistência, como forma de invenção de outras instâncias de relacionamentos, a partir do vivido, do experienciado. Jogar o jogo, porém, não o mesmo jogo. Tão pouco, as mesmas armas e a mesma estratégia. Provar da diferença como munição de uma nova empreitada, como possibilidade de um avanço, de um tomar conta de si, para tomar conta do mundo.

Esse jogo tem a intenção de colocar em ação uma situação de exploração, confrontando intenções na busca do atrito das partes, não como forma de aniquilação dos conflitos, mas como invenção de uma terceira via, alternativa e inventora, produtora de alternativas de deslocamento de um sujeito que, pode redescobrir outras formas de si, criando dobras em sua forma corrente de ser, fabricando instâncias de ineditismo e possibilidades de metamorfose.

As regras estão sempre inacabadas e o jogo aberto a novos lances, encaminhando uma multiplicidade de modelos na lógica de uma multiplicidade de forças, que enquanto em situação de conflito e desordem, cumprem o papel de inseminadoras e provocadoras de relacionamentos.

A regra posta, legitimada e estabelecida como lei, não toma corpo nesse ambiente, porém, aqui elas também existem, contudo são mais voláteis, constituindo um clima de transitoriedade e instantaneidade, numa composição metamórfica, cujos efeitos fazem emergir uma desconexão do sujeito com a normalidade e a regulação. Esse deslocamento do sujeito alavanca um movimento de encampar outras linhas de fabricação de subjetividade, criando novas vias de autoconhecimento, dilatando as possibilidades de dizer a verdade sobre si.

A multiplicidade do discurso, bem como sua instabilidade, é uma constância nas salas de conversação, onde um sujeito pode simultaneamente assumir várias identidades, inclusive contraditórias

entre si, em um movimento que ensaia uma ampliação que, porém, pode tomar efeito em redução. Cada vez que se joga, coloca-se em atividade uma máquina, com uma nova configuração, cujos resultados tem engendramentos inéditos e efeitos inesperados.

Quando alguém se conecta a uma sala de *chat*, vivencia situações complexas que se encaminham a partir da utilização de uma linguagem - sem linguagem não tem jogo - posta na forma de palavras/textos. Adoro o jeito como as pessoas compõem sua linguagem, nas salas de *chat*. A estrutura em mnemônicos que condensa palavras procura uma ampliação da forma e da velocidade da escrita. As palavras indicam mais que um sentido, induzindo uma ação, numa busca intencional de aproximação com a oralidade.

Um sujeito *tc/* uma determinada mensagem, construindo paralelamente uma imagem em ação. Sentimentos múltiplos ganham representação, procurando desenhar o estado atual do sujeito. Neste sentido, a ironia, o mau humor, a alegria, ou quaisquer alterações do sujeito, pode ser incorporado aos discursos.

Antes de reduzir a linguagem a dialetos específicos e pontuais, a palavra colocada no jogo da sala de chat, amplia as condições de expressão, produzindo linhas de fuga que tendem a subverter a organização gramatical da língua, não pela ignorância de um modelo, mas, pela necessidade incontida de poder dizer do que transborda, através de um vazamento de palavras, independentemente de uma estrutura formal.

De certa forma, a escrita padronizada de comunicação parece ser insuficiente enquanto ferramenta de mediação de uma relação em tempo real, onde os instantes entre os lances de linguagem adquirem um retardo, que tende a ser compensado por estas representações que colocam a escrita em movimento.

Quando colocamos em andamento o instrumento da fala no uso cotidiano, relegamos uma construção formal e restritiva, procurando uma composição que deixe a linguagem mais solta, mais leve, menos postíça, com maior capacidade de alastramento, produzindo um dialeto informal. As gírias povoam as formas de dizer de vários segmentos da população, modificando-se ao longo do tempo e, conforme cada tribo, criando dialetos próprios que fazem parte da criação de uma determinada cultura, possibilitando um determinado efeito de expressão.

As salas de chat têm na escrita a intenção explícita de uma oralidade que só pode ser contornada pela subversão da estrutura padrão da linguagem, criando um dialeto conforme suas necessidades, fugindo da relação conteúdo-forma na direção de uma relação conteúdo-expressão.

A subversão da forma escrita convencional decorre da necessidade de implementar velocidade no que se quer dizer, como forma de manter tencionadas as linhas que propiciam os relacionamentos, fazendo do abreviar de palavras uma estratégia básica de sobrevivência. Essa escolha encaminha uma comunicação com tempo de espera menor entre perguntas e respostas, o que, absorve o sujeito de uma forma mais incisiva e latente, adicionando intensidade aos campos de forças que tomam o tempo e o espaço.

Estes artifícios, incorporados à linguagem escrita convencional, acabam por criar uma “linguagem-monstro”, que metamorfoseia o sentido de escrever, incorporando, por vezes, indicações claras do que se sente quando se escreve e, por outras, dissimulando intenções, num ritual de esconder-se, como potência na captação de forças, numa produção de um tempo de espera, como estratégia de colocar-se em jogo. É o acontecimento de dizer o como e, o porquê, das coisas que são ditas, encorpando assim o que se escreve, na tentativa de alcançar o outro – ou seria a si?

A partir disso, tem início um jogo, que se faz valer das regras, não como leis, mas como alternativas de uma relação de reciprocidade e comprometimento mútuo com aquele instante. Nesse momento o teclado e o vídeo fundem-se com o sujeito da sala de *chat*, que se vale de uma prótese que funciona como mil tentáculos que, desesperadamente, tentam abocanhar o mundo.

As palavras emergem como num borbotão de imagens que teimam em escorrer pela ponta dos dedos, no desejo incontido de produzir odores e cores que já não se pode conter. É como se as palavras fossem corporificadas em carne, em desejo, em sexo, em prazer, em pulsão.

O sujeito, enquanto identidade múltipla em uma sala de *chat*, deixa emergir personalidades e comportamentos inerentes a sua trajetória, conhecendo-se e desconhecendo-se a cada tela que, teima em atualizar-se a sua frente. O que acontece é o deslocamento do sujeito, reflexo do momento e das circunstâncias instaurados. Cria-se, então um novo modelo de produção do sujeito, a partir da fusão da relação poder/prazer - prazer/poder.

Essa gama numerosa e variada de sujeitos, que pipoca pelas salas de *chat*, busca o prazer. O prazer de dominar e ser dominado, o prazer de dar e receber o prazer. O prazer de sentir prazer. É uma busca por algo que falta e que não tem nome, muito menos lugar que, porém, dilacera a alma e instiga a busca, a experimentação, à descoberta.

Mas, como é absolutamente inviável uma relação de prazer sem que se estabeleçam jogos de poder, posso argumentar que o prazer é poder e, também, que o poder é prazer.

Nas salas de *chat* de temática sexual, assim como acontece todo dia, em qualquer lugar, o prazer é tomado de forma mais direta e o sujeito desloca-se na relação espaço/tempo, entre suas múltiplas identidades, inclusive e, principalmente, sexuais. Tudo isso, é uma realidade do

sujeito pós-moderno, que se fragmenta e se descontinua. É uma forma de viver à margem, na periferia, no caos, buscando através de lances ensandecidos, um caminho que chegue o mais próximo possível, de um provável limite do limite, fazendo do deslocamento a potência de um movimento de autoconhecimento.

Em certo sentido as salas de *chat* se constituem como um ponto de resistência aos procedimentos de auto-regulação mais comuns, por que não há uma imposição, pelo próprio sujeito, de determinados aparatos de controle instituídos como mecanismos de auto-sujeição, escapando assim do que Michel Foucault chamou de "poder disciplinar".

Para Foucault, "o poder disciplinar está preocupado, em primeiro lugar, com a regulação, a vigilância e o governo da espécie humana ou de populações inteiras e, em segundo lugar, do indivíduo e do corpo". Seu objetivo básico consiste em produzir "um ser humano que possa ser tratado como um corpo dócil". (Dreyfus e Rabinow, 1982).

As salas de *chat* compõe-se como solo fértil, proporcionando uma forma de penetração do poder nos corpos dos seus participantes, numa outra forma de investimento, num auto-erotismo, numa contraposição ao pânico e ao medo instaurados no sujeito como forma de vigilância e controle. Assim, cai por terra o intuito de uma perseguição dos corpos. Neste contexto intensificam-se os desejos de cada um, propondo um campo vivo em possibilidades de contato entre os sujeitos, que pela fusão de desejos propagam prazeres.

Cabe salientar que o poder, como sustenta Michel Foucault, não tem apenas uma função repressora, de censura, produzindo apenas efeitos negativos, mas, pelo contrário, o poder se faz forte quando produz efeitos positivos no desejo e no saber. Em termos de cotidiano, assim como nas salas de *chat*, mesmo por que, as salas já fazem parte deste cotidiano, vivenciamos uma situação onde os micro-poderes

movimentam-se em intensa efervescência, produzindo efeitos mínimos que, no entanto, somados podem produzir grandes modificações sociais.

Foucault diz que o intelectual não deve desempenhar o papel daquele que dá conselhos, cabendo a cada um estabelecer seus projetos, suas táticas e o que mais lhe for necessário, podendo apenas fornecer instrumentos de análise para tal. De minha parte, como escritor dessa dissertação e, portanto um intelectual que compartilha da visão de Foucault, necessito, antes de teorizar, experienciar essas. Todavia, me acerco desta forma de mapeamento, procurando dar conta de lances, de táticas e estratégias, porém, sem dizer de maneira alguma, assim como Foucault não diz, “eis o que vocês devem fazer!”.

A partir destas constatações que, de certa forma, apresentam o jogo a ser jogado, coloco-me em movimento, com intuito claro de sentir na pele a prática de poder jogar.

Antes de me propor a pesquisar os ambientes de bate-papo na internet, passara apenas de relance por salas de *chat*, conservando sempre a idéia já constituída, a priori, de que esses não passavam de lugares propícios a pornografia e a vagabundagem. Mesmo, assim me inquietavam algumas situações e alguns indícios, que revertiam esta pré-concepção das salas de bate-papo. Comecei, desde então, a adentrar em tais ambientes, com maior freqüência, provando a cada conexão um cardápio diferente de multiplicidades, de condutas, de discursos, de desejos.

No começo, da mesma forma como “normalmente” se começa um novo jogo, apenas observava os movimentos que me rodeavam, como que reconhecendo o ambiente, sem, portanto me aventurar. Foram várias noites observando, dando vazão ao fetiche “voyeur”. Ficar sentado à frente do monitor, olhando frases e mais frases que, vinham à tona, analisando comportamentos, atitudes, modos de expressar idéias, na

doce ilusão de achar a ponta do novelo, que eu, tão brilhantemente iria desenrolar.

Falácia, ingenuidade ou puro descaso? Não sei; fui percebido – por mim – aos poucos como parte e, cada vez mais, mais longe do centro que imaginara encontrar, cada vez mais longe e cada vez mais dentro do próprio novelo que agora não conseguia enxergar. Não demorou muito e me vi preso na teia que se formava ao meu redor, da qual eu já era mais parte que todo. O monitor já não mais estava à frente, mas às costas, ao longe e cada vez mais longe, até que, ínfimo tornara-se imperceptível. Sentia-me como Alice, num mundo de fantasias, daquelas mais íntimas, que ali podiam crescer, podiam se alastrar dando vazão a uns outros de mim que, ainda hoje, teimo em dizer que não conheço, mas, que me são caros, me são raros, são meu prazer.

Tornei-me, então, peça do meu próprio jogo. Em princípio, com movimentos restritos, estudados e pré-concebidos que, progressivamente, foram se modificando até que isso não mais interessava – interpretar, analisar – queria jogar. Cada dia um pouco mais, cada dia novas terras, cada dia novos totens, cada dia uma diversidade, cada dia uma nova oportunidade.

Como Alice em seu país das maravilhas, avançava conhecendo pessoas, cada uma a seu modo, produzindo estados de falta e de excesso. Com elas eu me aproximava de mim, comungava de realidades e fantasias, alçava desejos e pulsões, me encontrava em êxtase, me possuía em sangue, provava do gosto da vida.

Nas salas de *chat*, procura-se aquilo que falta, numa forma singular de estabelecer um corpo-sem-órgãos, indiferente a cena ou lugar.

“Pra mim, desejo não comporta qualquer falta. Ele não é um dado natural. Está constantemente unido a um agenciamento que funciona. Em vez de ser estrutura ou gênese, ele é, contrariamente, processo. Em vez de ser sentimento, ele é, contrariamente afeto. (...)”

O desejo implica, sobretudo,, a constituição de um campo de imanência ou de um “corpo-sem-órgãos”, que se define somente por zonas de intensidades, de limiares, de gradientes, de fluxos”. (Deleuze e Guattari, 1996)

Na infinita busca de manter-se vivo, desejando o desejo, procura-se não para encontrar, mas para criar possibilidades de perder-se na busca. Uma procura por corpos-sem-órgãos sabendo que não os teremos, na medida que eles se fazem limite, sempre se distanciando cada vez chegamos mais próximo. Os corpos-sem-órgãos são tal qual as sombras, que são o reflexo de cada um, que são parte e todo de um corpo, porém, não tocável, não imobilizado, não aprisionado na idéia do palpável. Do corpo-sem-órgãos diz, Deleuze:

“Ele não é desejo, mas também desejo. Não é uma noção, um conceito, mas, antes de tudo, uma prática, um conjunto de práticas. Ao corpo-sem-órgãos não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite”. (Deleuze e Guattari, 1996)

Enquanto os corpos-sem-órgãos são fabricados, deseja-se desejar os próprios desejos, numa construção prática, a partir de uma experiencição. Nesse sentido, as salas de *chat* funcionam como o momento, numa produção de tempo e espaço da busca, metamorfoseando assim com a repetição do cotidiano, furando os olhos - não precisamos dos olhos -, cortando a língua - não precisamos de voz -, amputando as pernas - não precisamos andar -, necessitamos apenas teclar.

Nesse instante o sujeito ergue-se em palavras, como assim o basta, e joga com a língua portuguesa, com as palavras-imagens, criando vida num colorido próprio, vibrátil e potente, que goteja e se alastra com odor e gosto indecifráveis. É como se as palavras preenchessem o que se chama corpo com pensamentos-delírios que rasgam a pele em muitas

direções simultâneas, num colorido de linhas de fuga que produzem um arco-íris ao avesso.

“Perigo: teorizar sobre o corpo-sem-órgãos, “um novo corpo”, transformando-o num “saber” universitário, eliminando ao mesmo tempo seu processo de invenção e experimentação, e impedindo a compreensão desse processo, restringindo-o a organização de conceitos “suscetíveis de serem teorizados, catalogados, integrados num rumor e não a indicação torturada de uma ‘descida a pique na carne’, que o traquear dominante tem precisamente como função reduzir – sob o modo: o corpo de um lado, o pensamento do outro”. (Searpetta, 1973)

Convém, no entanto, um sinal e alerta, encarnando a arte do equilibrista que contorce o corpo no intuito de permanecer. Esquivar a tentação de uma formulação de conceitos que reduzam os acontecimentos e seus efeitos – que são em si indizíveis e inomináveis - a um amontoado de asneiras. Prefiro a sensação ao relato, a verdade do sentir a mentira do dizer do sentido. Saber o que está sendo experimentado, como sendo parte de nós, como construção e produção de si.

No entanto, relega-se a um segundo plano, de certo modo, dizer o que está sendo experimentado. Puxa-se para a superfície o individualismo e o egoísmo que arremessam na direção dos corpos-sem-órgãos.

Não pretendo, pois, a generalização de procedimentos, de comportamentos, de atitudes, promulgando sentenças de inocência e culpa. Não almejo a verdade, muito menos a moralidade, mas, ao contrário, um colocar-se catatônico, alheio e desamparado.

Nessa procura solitária e ímpar do corpo-sem-órgãos, jornada infinita que abomina a verdade, profanação da alma, talvez, seja preferível a mentira e a fantasia de um “devir-outro”, como forma de colocar-se à superfície, deixando-se alastrar. Que as raízes sejam expostas a céu aberto e que delas surjam novos galhos. Que estes se agarrem no que

houver à frente, ao lado, acima e proliferem, encarnando vida. Que os frutos frutifiquem, doces, amargos, ácidos, fedorentos, bichados, soltos ao chão, na claridade e na escuridão – diversos.

Entrando na sala: o que precede o momento

“Vocês viram como não é fácil ler esta escrita com os olhos; daí por que o homem a decifra com suas chagas”.

(Franz Kafka)

Que se reproduzam as salas de *chat*, desorganizadas, fantasiosas e fetichistas, desviantes e esquisitas, onde tudo prolifere, onde a falta tenha excesso e o excesso tenha sobra. Que cada artista tenha sua obra e, que seja de si a inspiração que move as peças, não importando a virtualidade e a realidade, mas o que, e quando tiver. Talvez ai, um dos pontos de erupção do jogo da sala de *chat*: movimentar a si como peça do jogo, num emaranhado de efeitos, como luzes que escapam por frestas. Propor-se à experimentação, num lugar do ensaio e erro, não se negando a gostos e reações - ser ensaio e erro.

Empurrar o corpo penhasco abaixo, deixando a gravidade assumir seu posto, arrastando destroços, talvez numa imagem breve do sentimento que escapa, nesse momento que aprisiona, descalço e esfomeado, esgueirando-se em espera na porta de entrada.

Colocar-se, neste instante, como um novo desejo que surge, desejo de experimentar os desejos, pondo em xeque um mundo constituído. Aceitar, ou dizer que aceita, o mundo desabar e, desabar com ele. É a manobra do medo, sendo usada ao avesso, pensando o impensável, falando sem som, respirando sem ar – é o reconhecimento do absurdo.

Os medos inventam desejos. O medo é o desejo de preencher vazios. Os afetos que atraem e repelem, que incluem e excluem, são movimentos

desses desejos que fabricam o preenchimento de espaços com a invenção de mundos finitos, que menos dia, mais dia, se torna pó. O medo, acorrentado e amordaçado, se dobra, se curva e padece. Pode-se tudo, menos o sem sentido! Pode-se tudo, menos vagar sem rumo! Pode-se tudo, menos exceder limites. Pode-se tudo, menos a morte! Por fim, pode-se tudo: "Tudo, menos a vida".¹⁰

Ao que parece, pelo que se provar e saborear, é justamente este movimento de desejo que impulsiona o funcionamento das salas de *chat*, colocando um tempero diferente, como uma pitada de pimenta que aguça o sabor de vidas, por vezes, muitas vezes, insossas de alguns prazeres.

Não é possível fragmentar a lógica do pensamento, separando real e virtual, somos efeitos de ambos e eles efeitos de nós. Podemos não ser um corpo visível, tocável, enquanto *envolto* nas salas de *chat*, entretanto, somos um corpo vibrátil, que emana energia, que delira, que sente e reage.

Sentir-se pertencendo a um lugar que é não-lugar, constituindo-se e sendo parte de um momento, movimentando-se através das palavras, forjando uma realidade, atualizando o que cerca e sendo cercado. São as atualizações violentas e sucessivas que teimam em atravessar os mundos: os meus, os seus, os nossos.

Ah, homem, te olha, nos olha aqui, na sala nove, em pleno território dos vínculos virtuais! Não os transformes em fantasia! O *chat* não é uma ficção! O virtual não é feito de corpos visíveis, mas sim de corpos vibráteis. E os dois... são reais!

Um afeto é sempre a mão que se estende, como se não houvesse distância, como se a geografia tivesse sido apagada. Um afeto que digita mensagens, que escreve *mails*, traz nas palavras e traça com

¹⁰ Devires: a virtualidade mutante – Um – Sala nove: o baile de máscaras, o teatro do chat – <http://informarte.net/bailedemascaras/bane1.htm>;

elas o esboço de máscara - a máscara do possível. Amores e amizades são fios que tramam a rede coletiva dos afetos. E é essa rede, são esses fios que fazem surgir, na ponta dos dedos, na palma das mãos, oferendas - a graça, o presente, o gesto invisível.¹¹

Não me propus em nenhum momento a uma análise do meu discurso e, nem mesmo do discurso das várias pessoas com quem teci relações nas salas de *chat*, todavia, cabe postular que este é um ponto determinante na constituição deste contexto. Aliás, contextualizar o discurso é fundamental no entendimento dessa prática diferenciada. Existe, sem sombras de dúvida, uma forma, um caminho, que baliza a inserção das relações neste ambiente, que se vale de clichês como forma de possibilitar o desencadear de quaisquer formas de aproximação. Depois de algum tempo, conforme o movimento se torna mais veloz, preenchendo espaços com outros recheios, com novos temperos, pode-se subverter determinados clichês, reinventar estratégias de deslocamentos na busca de um ineditismo de conexões que possam produzir efeitos, fazendo jogo tornar-se movediço.

Quando se começa a teclar em uma sala de *chat*, necessita-se proceder a um reconhecimento, estabelecer possibilidades de conexão, consigo e com os outros. Afinal, poderia ser diferente? Talvez, sim. Talvez não.

Quando se adentra um lugar desconhecido, quando se navega por mares selvagens, quando se é visto no fora, precisa-se, desesperadamente, de algo que de conta daquilo que se vislumbra ser. Algo que suporte e sustente - busca-se um continente -, um porto seguro. Neste instante, o ser, molda-se por formações discursivas, remetendo-se ao dentro - adentrando o fora.

Mas como começa o jogo?

¹¹ Devires: a virtualidade mutante – Um – Sala nove: o baile de máscaras, o teatro do chat – <http://informarte.net/bailedemascaras/bane1.htm>;

Pela porta de entrada que, necessariamente, não abre e nem fecha, por vezes se oculta e, por outras, é a mesma saída, podendo inclusive ter o atributo de não ser.

Entrar na sala de *chat* representa a disposição de jogar. É como entrar em um bar: não se deve, a menos, que se pretenda beber. Beber uma sala de *chat* implica comprometimento e desejo, explorando cada espaço como se fosse o último, deixando aflorar o que de selvagem emana, possibilitando assim saborear de si.

É fácil experimentar no anonimato, podem julgar, todavia, é questionável se, por vezes, pode-se ser mais anônimo dizendo o nome do que escrevendo um *nickname*.

Antes da entrada, porém, habita um sentimento que pré-existe. A cada momento que antecede uma nova entrada em uma sala, antes que o jogo, propriamente, tenha seu início, uma série de forças é desencadeada, fazendo do corpo uma arena, onde as várias figuras que se compõe, são compostas, coexistem em uma constante relação de poder que é pura variação de deslocamentos. Neste ponto queimam-se perguntas, supondo caminhos, estabelecendo trilhas no sentido que aponta para o desejo que toma conta.

Pode-se ter medo do passo a ser dado, entretanto, emerge o impulso na direção da possível porta de entrada, o que empurra para o além de onde se pode estar. Em verdade, quando se escolhe um *nick*, talvez antes até, já se faz parte do jogo, na proposição de um embate, na escolha de um ícone e, nomeando um exército de intenções. Um *nick* expressa em palavras a imagem que anuncia uma presença, comunicando a chegada de alguém que se propõe a jogar. Somente o pressionar de uma tecla mantém o lado de fora como mundo possível e, quando pressiona-se - ENTER - colocam-se em funcionamento forças que, estabelecem um rumo, na direção de um mundo provável.

O princípio é lento, requerendo resguardo e cautela. A mente toma o leme regendo todos os lances. Aos poucos, o corpo faz-se acostumar ou seria distanciar? É um exercício de reconhecimento, de espera, jogando a isca, aguardando a primeira investida. Investe-se na expectativa. As frases surgem urgindo como ondas que afastam a calma das águas, trazendo consigo, cada qual, uma potência de singularidade. Os dados são lançados e, a sorte procura seus pares, efetivando um começo de jogo.

A sala não é sala enquanto mar calmo. Ela cresce e se fortalece em mar revolto, na figura de quem por ela transita, não havendo garantias de um tempo futuro ou passado, tão somente o presente, aquele que toma conta, fazendo o momento válido. Por vezes o tempo sucumbe a água, mistura-se e, inunda quaisquer possibilidades de fragmentação. A sala acontece. Acontecemos com ela e, ela, acontece, também por nós. Tecer o fio que trama a teia das salas é como ter mil tentáculos, que abraçam e repelem em todas as direções. É enredar-se na teia que se tece, deslizando pelos fechos, entregando-se ao sabor de satisfazer desejos. Porém, como todo o prato, só pode-se ter o gosto depois da prova, restando o momento que precede a primeira mordida, no sentido do olfato, que pode aguçar-se em gula ou exterminar-se em náuseas.

O momento que antecede a entrada em uma sala de *chat* é movimento de intenções. As salas são uma forma de fazer borbulhar em possibilidades as correntes de desejos que não cabem em si e aqueles que escondidos, são guardados a sete chaves. Somente o jogo, enquanto jogado, pode determinar as forças que serão movimentadas. Entretanto, nem sempre os desejos procuram o prazer e, mesmo que o procurem, podem não o encontrar, produzindo efeitos na forma de ondas que se propagam arrastando o que estiver pela frente.

E quando a porta se fecha?

Essa é uma situação muito comum. Tecla-se o ENTER, aguarda-se a resposta e, pronto, vem àquela mensagem dizendo: sala lotada. Pode-se tentar uma segunda vez, uma terceira, quantas vezes forem necessárias, ou desistir e voltar depois, numa outra hora/minuto, num outro dia/noite.

Via de regra, as salas de chat ficam lotadas, principalmente nos finais de semana, isso quando se consegue carregar aquela tão esperada página que possibilita digitar o *nick* e entrar na festa. Nesses períodos, as salas assemelham-se a uma grande metrópole, onde no fina de semana a noite encontra-se restaurantes lotados, cinemas lotados, estacionamentos... Isso, quando se consegue chegar ao destino, não ficando preso em um engarrafamento qualquer.

A sala de chat é um processo que tem no ponto de entrada o instante das primeiras escolhas, configurando-se uma primeira cena, propondo-se um certo cenário. Pode-se propor uma ópera, um romance, um drama, uma tragédia...

A sala de chat é uma fabricação de mundo, sendo composta conforme as peças que vão sendo colocadas em jogo, cabendo nesse instante o estabelecimento de conexões, o engendramento de representações, a colocação em movimento dos dispositivos de saber e poder. Na sala de chat nomeamos as coisas a partir do que vemos – o saber. Na sala de chat governamos e somos governados estabelecendo relações de poder, onde, abraçamos e somos abraçados, desassossegamos e somos desassossegados, enganamos e somos enganados, fantasiemos e somos fantasiados,... Na sala de chat, podemos nos aproximar do que estamos nos tornando, tangenciando um entendimento do como e do porquê isso ocorre e, como podemos modificar as tendências de repetição que o fora empreende.

Dentro da sala: tramando desejos

**“Não estou querendo encontrar nada, mas
sim:
1°. evadir-me do ser;
2°. continuar minha marcha fora dele;
3°. marcha que não tem como objetivo o
infinito
mas escava o
finito
indefinidamente
”.**

(Antonin Artaud)

Pronto, estou conectado! Um *nick* anuncia minha chegada, mesmo que esta, ainda não seja sentida completamente à vontade. Aos poucos a tela começa a tomar vida e, em instantes, frases e mais frases emergem capturando o olhar. Sentado, mexo e remexo à cadeira. Procuro acomodar o corpo, quem sabe, para uma performance mais intensa?

Procurei cobrir toda uma caminhada, criando séries de possibilidades que comporiam a paisagem das minhas experiências nas salas de chat, podendo, assim, sala adentro vivenciá-las. Todavia, não foi possível acercar todos os ângulos, provar de todas as condições de entrada, provar de todos os gostos, degustar todos os sabores. O módulo de experenciação que produzi comporta diferentes utilizações podendo tomar muitas formas, conforme quem joga, produzindo realidades singulares.

Algumas dessas realidades irão borbulhar aqui contornando algumas das imagens que desencadeei, outras, mesmo não tendo provado, podem ser aproximadas, no sentido de tentar criar outras possibilidades que, em outro tempo qualquer, poderão ser colocadas em funcionamento. Passo então, a dizer das coisas que provei, fazendo-o

em primeira pessoa, como forma de colocar a tona estratos do meu campo de pesquisa.

A sala de chat é um corpo sem órgãos, cuja anatomia de produção diferencia-se conforme quem o cria, quando o cria e com que intenção o faz. Uma sala de chat não possui ponto de retorno, sendo inviabilizada uma recriação, pois cada conexão produz uma realidade particular - singular -, sempre uma outra forma, uma nova expressão.

A composição em palavras desta parte do texto diz das configurações que implementei, porém, faculta a possibilidade de outras configurações, na medida e, no gosto de que melhor possa se valer àquele que manifeste a intenção de jogar, usufruindo desse dispositivo como lhe aprouver.

Na sala as frases permanecem efervescendo à superfície, erguendo-se em ondas de contágio, nas quais as palavras borbulham como iscas que provocam o desejo da mordida. Permaneço, ainda, à espreita, colocando, cuidadosamente, apercebendo-me dos movimentos das coisas observados, lançando-me deriva, onde decorrem frações de tempo quaisquer que, não posso e, não quero precisar.

A cadeira não mais incomoda tornando-se parte jogo. O olhar está mais bem treinado, gozando a tranqüilidade, aparente, do sentido de uma permanência. Posso sentir-me fazendo parte desse todo, que envolve de uma maneira muito rápida e intensa. Estou dentro! À superfície, é bem verdade, debatendo-me pelo medo de naufragar. Entretanto, estou dentro! Ao redor, já não tenho o discernimento do quarto, da sala, do mundo que já não faz parte - é rastro. Tudo parece uma vaga lembrança, distanciando-se, como a luz que suavemente apaga.

O cheiro das iscas frescas insiste em enfeitiçar o olhar, apoderando-se do olfato. Sinto o estremecer de batidas a porta. São muitos e, alguns, insistentemente, requerem, e forçam uma atenção. Meu olhar se volta veloz. Ofegante, imagino a voz, imagino as vozes. Os dedos acariciam o teclado na busca de dizer com potência palavras que tencionam as linhas que podem permitir um contato intenso. Os dedos teclam, velozmente, pondo a máquina-homem em movimento. Lançam-se novas questões simultaneamente a respostas que se proferimos na intenção da manutenção de uma permanência. Enquanto aguarda-se um retorno pode-se vislumbrar outros movimentos possíveis, argüindo, dessa forma, as mais variadas apostas.

O *nick* apresenta o jogador, porém de forma insuficiente. Precisa-se dizer mais de si. Preciso me fazer sentir. As apresentações iniciais são breves, superficiais e pouco intensas e, não fujo a regra, todavia, a velocidade já dá sintomas de sua chegada, impondo um querer ficar. O desejo chacoalha quem joga, arremessando-me para além, de tal sorte que, já não posso e não quero parar.

Sentir e, dizer do que sinto, compondo em palavras as sensações que afloram a pele. Morder a isca, com certa malícia, como quem beija e degusta o aroma da saliva, que transborda em indício de prazer. Procurar seduzir e deixar-me seduzir, atualizando assim, a virtualidade na realidade de entranhas que parecem fluir. Sentir o contágio. Reagir buscando o cortejo. Colocar a caça em posição propícia para desferir o bote. Configura-se, assim um jogo de intenções.

Porém, posso pressentir pegadas que pouco a pouco se tornam mais próximas, inferindo possibilidades de estar sendo seguido - perseguido. Transborda uma sensação, de que qualquer vacilo pode fazer virar o jogo, transportando a posição de caçador a condição de simples caça.

As mensagens procriam e, estrondosamente, explodem a porta, com suas mais variadas nuances e vestimentas. As teias caem por sobre quem joga, espessas e densas, finas e sutis. Cada uma com seus intuitos, cada qual com uma textura intenções. Dentre todas, porém, sou capturado e permitimo-me capturar por uma que, naquele momento, sugere uma relação particular, uma aproximação de caráter privado.

Quem se apeteceria em dilacerar intimidades comigo? Primeira questão que queima carne, numa sensação mista de curiosidade e descoberta, preenchendo espaços com um gosto do proibido. Afinal, particularmente, o que se deseja reservar é o que tem por sobra o prazer, daquilo que não podemos falar, não podemos dizer, não podemos fazer. Pelo menos não, assim, desavergonhadamente, em público.

O acontecimento remete ao ritmo de uma dança a dois. Poderia ser a três ou a quatro que, ainda assim seria particular, pela melodia contagiante, pela intenção, por seus efeitos. O coração dispara e bate descompassado, querendo ir antes da mente que, por simplificação racional, por medo do que anseia não poder conter, anuncia o embargo da festa. O coração e a mente, a emoção e a razão e, no entremeio o desejo, a pulsão, o instinto, proliferando brilhos de prazer que arrepiam a pele, ouriçam os pelos em calafrios de derreter geleiras, corroendo verdades, dilacerando o corpo, porquanto, adoção de vez.

A velha enxaqueca que, de tempos em tempos dá o ar de sua graça, aparece e, o que é mais interessante, como sempre, em um momento de escolha. Aliás, devemos admitir, nunca fico muito a vontade com as escolhas, via de regra, mudo o nome das coisas, troco por outras, descaradamente, deslizando pela tangente. Será essa uma atitude só

minha? Contudo, o que se faz com o cheiro que apetece do provar o gosto?

Dúvida suposta escorrego, entretanto, não relego o que se tenho e, pela dúvida, ultrapasso a fronteira, sem eira nem beira, mordendo e degustando o prazer que escorre pela boca satisfeita de desejo.

Inscrever-me no rol dos aflitos, aqueles que não cabem em si e, extasiados não tem pra onde ir. Mais que a intenção, uma súplica, que se vela em um canto qualquer, dos tantos que se fabrica aos milhares in-contendo o que quer fugir. Por inabilidade e medo agarro-me ao espaço ilusório, compulsório do querer e bato a cabeça no muro até não mais poder. Sou efeito dos efeitos, entre tudo o que foi feito e, o pouco que fiz de mim. Porém entrego-me absorto na carência do querer fazer.

Aos tropicões e cambaleante, remeto-me ao encontro do que se perde, na possibilidade de ir onde jamais pensei. Neste instante, sou mutante, fico inquieto e, subverto a relação de continuidade pela proposição de um urbanismo do por vir.

Aventuro-me pelo instinto da descoberta, e digo, também em caráter privado, que aceito entrar na dança. Todavia, preciso tecer os fios que devem garantir a permanência. Sinto-me mais aliviado, atordoado pela velocidade que empurra sempre à frente, fazendo do experimentar dos sabores um eletrizante contato com o desconhecido.

Abro um pouco mais a porta que me protege e dou a perceber, dissimuladamente, uma prova do semblante das intenções que pretendo movimentar. Teclo cada vez mais rápido, abrevio e decepo as palavras, procurando diminuir distâncias, aproximar corpos, sentir, a fragrância dos perfumes. Novos fios, porém, são tecidos por sobre mim. Outras teias ambicionam minha presença. Produzo dobras, aceito convites, desdobro corpo numa ampliação de possibilidades. No entanto, as teias

não param de surgir, como uma chuva de desejos que encharca os sentidos.

Os fios me retêm cada vez mais e, mais rapidamente, deslocam-me de lugar. As possibilidades são infinitas, num jogo de sedução explícita, onde sou vários em conexão com outros tantos de mim e, de outros que se produzem a partir das teias que se tramam, em um tencionamento que se apodera de mim. Velocidade, simultaneidade, possibilidades diversas, diversas subjetividades e, no ápice de tudo, estou eu, boquiaberto e enfeitado, em meio ao caos que escorre exalando odores do prazer.

Engana-se, porém, quem associa esses sabores do prazer a algo tranqüilo e sereno, a algo pronto e acabado. Os prazeres que mapeio e tento colocar em palavras, colocam pra fora as tripas, deformam, sacodem, retorcem, jogam com o corpo, arrancando sensações que estraçalham, mas não exterminam. Essas sensações modificam-se, amplificam-se e querem mais. O prazer que tento dizer tem no gozo um começo, de algo que não parece ter fim. Ele cresce e toma conta, pisca, mas não apaga, pinga, mas não para de correr.

Qual o gosto das palavras que se diz? Como os outros degustam o que se tempera? Como reverbera no fora o que explode por dentro? Como parece, aquilo que se diz, com relação ao que, a priori, se queria dizer? Quando se diz, realmente, se sente o que se diz?

Em meio a tudo que cerca e garante uma permanência, numa mescla de vontade e repulsa, de escolha e fuga, de presença e ausência, afloram questões várias que, a cada instante, cutucam o corpo, não deixando que se pare. As conexões vêm à tona, de todos os lados, querendo levar-me ao fundo, propondo um mergulho para mais além, para quem sabe depois, no limiar da empreitada, eu possa acabar em mim.

Teclado, simultânea e apaixonadamente, com muitos, provando da diferença dos gostos, dos manjares que se apresentam. Apenas abro portas que não tenho pretensão nenhuma em fechar e, vou indo, aniquilando todos os espaços pelos quais puder passar. Sinto, ansiosamente, a volúpia da simultaneidade das conexões, cada qual pendendo em uma direção, fazendo-me deformar em pedaços que, tão vorazmente, querem me arrancar.

Sinto como se cada feixe da teia que me cobre, fizesse casa sobre o corpo que me assola. Cada um desses feixes parece se corporificar em energia e, numa deliberação própria de força, requisitar uma presença, puxando em direção diversa. Sinto a pele a esticar, até não mais resistir, permitindo aos poucos um desgrudar de pedaços, que cavam buracos onde corre o ar. Contudo, o sangue, permanece, teimando em jorrar. A sensação de desconforto assola. Sinto os membros dormentes. Sinto as juntas estalarem e, com os dentes rangendo, agarro-me com todas as forças, num desejo incontido de provar do que está por vir.

A cabeça lateja, num ritmo descompassado. Já não dou conta do pensar e, despencando pelo vídeo, adentro recriando noções de tempo e espaço. Pode-se ouvir os sons dos fios que se rompem. O olhar só capta rastros, que mal vistos somem, deixando uma vaga lembrança do que foi sem nunca ter sido. É tudo muito rápido. É tudo muito intenso. Esfrego os olhos cansados, mas não permito parar. O movimento não estanca e, não consigo inferir distância, não é possível um afastar. Vem à mente uma sensação de ser tarde, simultaneamente, parece recém se ter chegado. Baixo olhar e, respiro tornando a voltar, mas parece que perdi o instante, pois não posso reconhecer na tela o que havia há poucos segundos. *Page Up. Page Up*, até um reencontrar e, depois, *Page Down. Page Down*, para recuperar o tempo perdido.

Enquadro o corpo e continuo a teclar. As coisas, realmente, são muito rápidas. Não se tem tempo pra pensar. As sensações são indizíveis a ponto de sufocar. A garganta resseca, as pálpebras contraem. Ponho-me em escancarada batalha, na busca de poder rodear as palavras, para além de significados correntes, na intenção de me deixar levar. Circulo, ando em torno, giro, importando o movimento e, já não mais a escrita. O que importa não é o que está por vir, mas a potência de um por vir. É o espírito do por vir, do poder vir.

“Esta não-palavra pertence à linguagem e, no entanto, cada vez que falamos essencialmente, põe-nos fora da linguagem, assim como não estamos jamais tão próximos de falar quanto na palavra que dela nos desencaminha. (...) Eis, então, de novo, a estranheza desta volta em direção a... que é o desvio. Quem quer avançar, deve se desviar, o que resulta numa estranha andada de caranguejo. Seria este também o movimento da busca? (Blanchot, 2001)

Porém, quando falo e, digo que falo, me afasto de mim e do que falo. Quando digo que sou, renego a condição de ser. Todavia, não encontro forma diferente de dizer do que sinto, de representar o que vivo, aqui, nas salas de *chat*.

Blanchotianamente falando: “Falando nós diferimos de falar”. Eterno retorno, não como repetição, mas como movimento de voltar sobre si contraindo o presente, o passado e o futuro.

O movimento da sala continua, simultaneamente com as divagações e, eu, permaneço conectado, num emaranhado que compõe a teia que não contém o alastrar. Recebo e mando mensagens, algumas públicas, outras privadas e, vou navegando, esperando, quiçá um momento mais exato. As palavras continuam borbulhando, criando ondas que não deixam que se lance âncora. Partilha-se de um mar revolto em sensações saborosas que me arremessam na direção de um estar

prestes a... E, a cada nova frase que, vem à tona enfeitando os olhos, reajo com novas outras, numa busca doida de um poder provar.

Alguns fios tomam mais corpo e se põe a tencionar. Uma sensação de potência cobre a pele como que querendo arrancar pedaços. Paralelamente, outros fios parecem se desfiar como uma corda que está às vias de rebentar. Envolto nesse delírio mantenho-me seguindo, indo e vindo, procurando, talvez, pra não encontrar. Os dedos quase não dão conta de erguer em palavras o que tenho pra falar e, os olhos se multiplicam num êxtase incontido de participar.

Conforme passa o tempo e, não se pode precisar um quanto, tem-se a tendência de especializar um foco, relegando alguns caminhos e privilegiando outros. Esse movimento se repete, várias e várias vezes, estreitando cada vez mais o olhar na produção de momentos mais intensos, todavia, em menor número. O corpo não consegue dar conta de tudo, então, reduz-se às possibilidades na intenção de aumentar as intensidades. Trilha-se um caminho de escolhas, eliminando séries de possibilidades, simultaneamente, ao desdobramento e ampliação desenfreada de outras tantas.

Parece-me, pelo menos nesse instante, existirem certas similaridades nesses movimentos de viver nas salas de *chat*, com os produzidos no dia-a-dia. Todavia, a velocidade das escolhas, difere, bem como, a proporção das possibilidades. Sinto poder oportunizar acontecimentos que repetem as formas de viver, porém, com a condição intensa de me permitir ser vários, numa composição de rearranjo do tempo e do espaço que permite combinações incalculáveis.

A sala de chat permite múltiplas conexões simultâneas, das quais me apeteço, incitado a inventar outras formas de mim. Por que abrir apenas uma porta quando é possível abrir várias? Só posso ter uma resposta pela experiência, colocando em movimento o conjunto de intenções que,

no momento, compõe a configuração do jogo. Jogar é preciso, constituindo uma forma compulsiva de olhar mais além, talvez, pelo intuito de verificar limites. Posso fazer valer o engendramento de vários personagens, como faço o tempo todo, porém, com uma condição mais propícia de mapeamento dos efeitos da exploração dessas possibilidades - tateando condições de dobra.

Conectar com vários *nicknames* em uma mesma sala, configurando intenções singulares para cada um deles, cria uma situação de dilatação na realidade de teclar, proporcionando sensações de simultaneidade e multiplicidade explícitas, cuja condição de funcionamento torna-se mais visível, proporcionando uma análise mais clara de cada serie que coloco em jogo. Uma mesma pergunta, um mesmo assunto, pode ser atacado sob vários ângulos simultâneos. Posso criar condições de provar do gosto de cada um dos efeitos que consigo produzir, em mim e nos outros. Posso, inclusive, criar estratégias de deslocamentos, movendo os *nicknames* como peças em um tabuleiro. Dessa forma é possível cercar a presa, utilizando dissimulações diversas, reconhecendo o terreno e os modos mais propícios para uma aproximação.

Seja numa sala de chat, ou numa situação diária outra qualquer, todo o primeiro contato vem precedido de momentos de dúvida pelo desconhecimento inevitável do inédito. Todavia, na sala de *chat*, posso me valer de *um* nick, como se este fosse um peão no jogo de xadrez, desferindo lances no intuito pensado de conhecer o território que tenho a intenção de conquistar. Cada lance dado produz efeitos, a partir dos quais posso configurar novos lances, utilizando-os, inclusive, em outros *nicks*, fabricando realidades paralelas que se afetam, funcionando como uma forma coletiva de produção de saber e poder.

Utilizo-me, assim do módulo de experenciação que produzi enquanto método, fornecendo sucessivamente novas entradas de afetos e

desejos, alastrando-me pela sala, na busca da produção afecções e prazeres, cujos efeitos servem para transformar minhas possibilidades, criando, potencializando ou descartando séries de intenções. Nesse jogo de exploração de possibilidades, vou criando tramas de desejos e afetos que podem garantir minha permanência ou precipitar a retirada.

Posso me conectar em salas diferentes com um mesmo *nickname*, encaminhando um mesmo conjunto de intenções que, enquanto em jogo produzem a fabricação de realidades diferentes, com conexões e alastramentos diversos, produzindo cada qual um conjunto de efeitos que afetam os próximos movimentos, distanciando a cada lance um mundo do outro.

Posso colocar em funcionamento um devir-mulher, um devir-homossexual, um devir-fetichista, ou quaisquer outros devires que possam vir a me apetecer, movimentando possibilidades de estar sendo algo que ainda não fui, inferindo assim uma potência de diferir de mim a cada vez, inventando novas formas de ser, outras formas de estar sendo.

Creio que nesse jogo nunca perdi, até porque, aqui a intenção não é a vitória, mas o colocar-se em jogo, o poder jogar. Um ditado de uso popular diz que só a vida ensina e, que a experiência é a melhor escola. A sala de *chat*, esse corpo sem órgãos que se pode produzir como enxurradas, também é uma forma de vida, também, é uma forma de experimentar, também é uma forma de aprender.

O jogo da vida continua, e a sala de *chat* continua com ele, produzindo coisas que eu não podia imaginar. Encontro-me enfeitiçado, perdendo-me noite afora na trama que ajudo a tecer. Os sentidos afloram a pele, os desejos escapam ao controle, os movimentos desafiam a lógica e, sinto chegar inotido, o gozo que incendeia a alma. Permaneço, imóvel e inatingível, esperando que a velocidade

diminua, que as coisas voltem a seu lugar, que o vídeo retorne a ser visto, que o mouse possa novamente ser percebido, que a realidade do quarto seja recuperada e, então, com um simples clic, possa-se por fim a conexão.

Esse jogo chegou ao seu fim, pelo menos por agora, porém, o rastro que fica não pode ser desfeito. O experimentado tem o sentido da permanência, daquilo que não tem mais volta, das marcas que não se pode apagar.

Educações de mim: efeito dos efeitos

“Tênué é o mínimo, em adjetivo, para luz que ultrapassa a complacência deste papel. Aliás, sempre penso que o que vemos das coisas é algo como vê-las através de um papel que permite vislumbres. Pura pretensão negar o velamento do real oculto.

Pura pretensão considerar imaginário ou piegas o mundo logo aí atrás. Acostumar os olhos é difícil, eu sei. E nada de exageros, por favor”.

(Marcos Villela Pereira)

Acabo de fechar a porta da sala que, com dilaceramento do meu corpo, tentei, desesperadamente, aproximar da minha escrita. Dissertei, não, propriamente, sobre a sala, sobre as salas, mas, sobre os efeitos que podem ser produzidos a partir dessa fabricação de mundo. Efeitos que podem ser ampliados e potencializados, através da permanência, explodindo em modos de produção de si - subjetivação.

A porta está fechada, todavia, a sensação que acompanha, remete a imagem de frestas que permanecem abertas, deixando passar pedaços que, não mais, vão poder ficar trancafiados. Olhando pra trás, percebe-se o rastro de si que, também, permanece. As marcas, aquelas que foram produzidas a partir do jorrar do sangue e do despedaçar das entranhas, permanecem, atualizando a realidade da virtualidade do que foi provado. Os efeitos dos jogos produzidos são reais, são pontuais e, estão aqui.

Educações de mim, na medida da descoberta de possibilidades, de caminhos outros que permeiem o saber. Como ver as coisas hoje e, porque o fazer desta forma é, também, efeito das coisas que aqui se pode viver. Essa obra é o mapeamento da procura, sempre inacabada,

de tocar nas coisas; coisas que nos produzem, fazendo do mim o que somos.

Propus a criação de um jogo, no qual se pudesse ir além dos movimentos racionais do mim, no sentido de deixar alastrarem-se os processos de subjetivação. Quantas vezes perdi o fôlego e, quase, desisti de tudo, do jogo e de mim? Como me tornei o que sou é fruto, também, das experiências que venho me proporcionando aqui. Isso é real, e toda a virtualidade transcorrida atualiza-se em mim.

Os ambientes das salas de *chat* foram e, permanecerão sendo formas de educações de mim/si. Através deste jogo de intenções, da exploração das possibilidades, do sabor e da dor da intensidade da simultaneidade, pode-se aprender a aprender sobre si. Educar aos outros? Como fazê-lo sem, antes, educar a si? Educações de mim, não no sentido de uma uniformidade e, muito menos de uma consensualidade, mas, pelo gosto do conflito, do confronto, da experimentação.

Salas de *chat*: uma realidade ou uma virtualidade? Questão de senso comum que disponibiliza um antagonismo entre o real e o virtual. O virtual é uma forma de realidade, é potência de realidade. O real é virtual e atual. O corpo tocado na noite anterior, corpórea e realisticamente acariciado, hoje, também é uma virtualidade em minhas lembranças - é potência. A lembrança a cada vez que é recordada atualiza a realidade. O que vivemos tende a virtualizar-se a partir do momento em que o tempo não cessa em movimentar-se, colocando numa fração ínfima, o momento vivido como algo passado e, possível de ser lembrado. De tudo o que pode ser vivido nas salas de *chat*, restarão lembranças que estarão presentes, podendo atualizar a realidade a todo instante, remetendo a marcas esculpidas em si. O que se vive nas salas de *chat* é delírio, é real. Não se imagina a experiência, experiencia-se a imaginação.

Contudo, onde estão as dúvidas? Afinal, até esse instante, parece que finalmente concluindo, só foram apontadas certezas nas salas de *chat*!

Serão as salas de *chat* assim tão maravilhosas? Serão os desejos tramados somente experiências positivas? Onde estão os desejos que aniquilam?

Os acontecimentos não são simples, pontuais e acabados. Essa obra que diz, em primeiro plano, do mim e dos desejos é finita, porém, os desejos que a compõe são infinitos e permanecem compondo-se em acontecimentos de infinita metamorfose. Nas salas de *chat* pode-se instigar desejos de toda ordem, com intensidades e sentidos diversos. Alguns desses desejos podem levar ao prazer, outros podem aniquilar qualquer possibilidade de alcançá-lo, arrancando pedaços, tornando efeito à dor.

O limite é quase intangível, separando momentos em que se pode erguer em prazer, de momentos que podem aniquilar pela dor. O movimento de provar das coisas é doloroso, enquanto expõe fragilidades e vicissitudes, porém é de extremo prazer quando faz produzir trilhas de conhecimento de si. Essas trilhas não são somente prazerosas, precisas e bem desenhadas, são também e, simultaneamente, movediças, dissimuladas e maliciosas, produzindo um mapa de si que se transforma cada novo lance, a cada novo movimento. Pode-se até capturar e dar conta de sensações e sentidos, mas apenas como fotos de um determinado instante, que não é o todo de si, mas apenas uma parte.

As experiências tramando desejos nas salas de *chat* não são uma receita, uma prescrição medicamentosa que cura os desprazeres da vida. Não são fórmulas mágicas que revelam os prazeres perdidos, fazendo procriar os melhores desejos. São, não tão simplesmente, apenas vias, quiçá as possíveis que, com as tripas na ponta dos dedos, continua-se aventurando trilhar.

Essa escrita muitas vezes incorporou um messianismo, pela forma de algumas construções, porém, não perdendo de vista que existiam outras possibilidades, muitas maneiras, outros caminhos, dos quais nem sequer falei. Educações de mim, como forma de saborear saberes que dêem conta não de um prazer ou prazeres, mas que encaminhem um entendimento da produção desse movimento. Como e quais prazeres pode-se produzir tramando desejos? Como ficam os desejos que escapam? Como ficam os desejos que aprisionam? Como ficam os desejos que estraçalham?

Colocar-se em jogo, lançando-se na condição de dado, girando na fabricação de novas combinações, é mais uma das formas possíveis de um conhecimento de si. Nesse momento, creio, delimito minha questão de pesquisa, ou seja, confesso minha intenção primeira: mapear as formas de construções e fabricações de mim, no intuito de jogar luzes sobre o entendimento de como viemos nos tornando o que somos, produzindo assim saberes sobre os modos de subjetivação. As salas de *chat* são a ponta de um novelo que puxei, desenrolando, emaranhando sobre mim através da produção dos movimentos dos desejos. Todavia, existem outros, muitos outros, dos quais, ainda, não tive e não tenho notícias.

Quando me lambuzei por entre os desejos, deslocando-me conforme a velocidade da ponta dos dedos que não paravam de teclar, reduzi a distância entre o duplo que sufoca, aproximando o que gostaria de ser com o que vinha sendo. Desloquei-me na produção de uma realidade singular, ampliando a visibilidade das coisas, numa visão muito particular. Estabeleci um jogo de lugares, jogando como em um jogo de espelhos onde, simultaneamente, posso me tornar pesquisador e objeto pesquisado, numa forma de tencionamento de mim mesmo.

A escrita recriou as paisagens, compondo um ambiente ficcional no qual me pus adiante como forma de inventar-me. O que digo, mesmo que o

faça com a maior potência possível, não diz de uma realidade total, mas de uma parcialidade que é passível de recuperação no intuito de compor uma representação. Aqui, só posso dizer do que já passou, do que já não é mais, da mesma forma que se faz fora da sala de *chat*, Compondo, então, personagens de mim mesmo – múltiplos e simultâneos.

Quando comecei esse processo de escrita, tinha nas salas de *chat* o foco de ação, porém, agora as considero como um pano de fundo, que encobrendo as intenções primeiras, possibilitaram a produção de condições propícias para que eu pudesse tocar em mim, provar de mim, aproximar de mim. Através das salas de *chat*, aproveitando a velocidade dos fluxos e o emergir do caos, pude subverter alguns princípios, transformar algumas verdades, provar do gosto, da cor, da intensidade dos desejos. Como na “Metamorfose” de Kafka, tornei-me efeito de meus desejos, em um processo de transformação que beira o absurdo, mas que desacomoda e desassossega, agora, com a possibilidade de outros óculos, de novos olhares. Destreinando o olhar produzi efeitos sobre mim, numa combinação finita das infinitas possibilidades que me assolam. Por impossibilidade, jamais voltarei a ser o que fui, entretanto, certos gostos, certos sons, certas vozes, certos corpos, permanecerão na lembrança, prontos para qualquer momento juntarem-se aos rios de força que conduzem meus desejos, produzindo a efervescência de devires, infinitamente, até o dia ou, quem sabe a noite, do encontro com a finitude do meu corpo.

Mouse na mão, olhos no monitor e permanece a falta de um clique. Estarei fechando minha conexão, mas não as portas que abri em mim. Descobrindo que podemos ser muitos, e como se podemos! Descobrindo que podemos ser muitos e, não só na sala de *chat*. Descobrindo que além das imagens, além das palavras, das atitudes, existe uma enormidade de possibilidades a espera de serem testadas e experienciadas. Descobrindo que, ainda, há muito a descobrir.

Descobrimo a infinitude das possibilidades das descobertas de mim, produzo aromas e sabores na vida. Talvez, das maiores descobertas, o estar sabendo mais de mim, o estar saboreando mais de mim e, assim, simultaneamente, continuar encontrando e desencontrando de mim, nesse jogo que joga comigo na produção das educações de mim.

“Post Scriptum”

**Quem sou Eu?
De Onde Venho?
Sou Róger Albernaz de Araujo
Professor, pai e amante
possibilidade infinita de mim
criador e criatura do mundo
de desejos incontidos
de aproximar afetos
em um prazer sem fim em mim mesmo
E Basta Eu Dizê-Lo
Como Só Eu O Sei Dizer
E Imediatamente
Verão Meu Corpo Atual
Voar Em Pedacos
E Se Juntar
Sob Dez Mil Aspectos
Notórios
Um Novo Corpo
No Qual Nunca Mais
Poderão
Me Esquecer.**

(Eu e Antonin Artaud)

Referências Bibliográficas

- ARTAUD, Antonin. Textos revolucionários, 1923-1946; tradução de Hugo Acevedo. Buenos Aires, Calden, 1972.
- ARTAUD, Antonin. Textos; traduções de Alejandra Pizarnik y Antonio Lopes Crespo. Buenos Aires, Aquarius, 1974.
- AUGÉ, Marc. Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade / Marc Augé, tradução de Maria Lúcia Pereira -- Campinas, SP: Papyrus, 1994.—(Coleção Travessia do século).
- BAPTISTA, Luis Antonio. A cidade dos sábios / Luis Antonio do Santos Baptista. São Paulo, Summus, 1999.
- BLANCHOT, Maurice. A conversa infinita; tradução de Aurélio Guerra Neto. São Paulo, Escuta, 2001.
- BLANCHOT, Maurice. O livro do por vir; tradução de Maria Regina Louro. Lisboa, Relógio D'água, 1984.
- BRITZMAN, Deborah. O que é esta coisa chamada amor - identidade homossexual, educação e currículo. Educação e Realidade, Faculdade de Educação/UFRGS, v. 21, n. 1, jan/jun. 1996. (p. 71-96).
- BURROWES, Patrícia. O universo segundo Arthur Bispo do Rosário / Patrícia Burrowes. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 1999.
- CAIAFA, Janice. Nosso Século XXI: notas sobre arte, técnica e poderes / Janice Caiafa. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2000 - (Conexões;4).
- CARROLL, Lewis. Aventuras de Alice / Lewis Carroll; tradução e organização de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo, Summus, 1980.
- CERTEAU, Michel de, A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer / Michel Certeau; tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Vozes, 1994.
- COHEN, Jeffrey Jerome. Pedagogia dos monstros - os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras / Jeffrey Jerome Cohen; tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.
- DELEUZE, Gilles y GUATTARI, Félix. El anti-edipo: capitalismo y esquizofrenia; traducción de Francisco Monge. Barcelona, Paidós, 1985.
- DELEUZE, Gilles. Crítica e Clínica / Gilles Deleuze. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo, Ed. 34, 1997.

- DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*; tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes - 4ª edição - 2ª tiragem. São Paulo, Perspectiva, 2000.
- DELEUZE, Gilles. *Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia vol. 1* / Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução de Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro, ED. 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles. *Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 3* / Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução de Aurélio Guerra Neto et alii. Rio de Janeiro, ED. 34, 1996.
- DONALD, James. *Faros Del futuro: enseñanza, sujeción y subjetivación*. Madrid, La Piqueta, s.d.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber; organização e tradução de Roberto Machado*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder* / Michel Foucault; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*, tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.
- GARCIA, Maria Manuela Alves. *O/A mestre pastoral crítico/a* In:_____. *Afunção pastoral-disciplinar das pedagogias críticas*. Porto Alegre, Faculdade de Educação/UFRGS, 2000. (p. 114-144). (Tese de Doutorado).
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós modernidade* / Stuart Hall, tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro - Rio de Janeiro: DP&A Ed., 1997.
- HARVEY, David. *Condição Pós-moderna. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*, tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo, Edições Loyola, 1992.
- HUNTER, Ian. *Montando a escola*. (Trad.) [HUNTER, Ian. *Asembling the school*. In BARRY, Andrew; OSBORNE, Thomaz; ROSE, Nikolas (Org.). *Foucault and political reason. Liberalism, neoliberalism, and rationalities of government* Chicago: Chicago University Press, 1996.
- KAFKA, Franz. *A grande muralha da China*. São Paulo, Nova Época, 9999.
- KAFKA, Franz. *A metamorfose*; tradução de Modesto Carone. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- LAUREL, B. *Computer as Theater.*, Addison-Wesley, 1993.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*, tradução de Carlos Irineu Costa. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1993.

- LÉVY, Pierre. Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy / org. Nize Maria Campos Pellanda e Eduardo Campos Pellanda. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 2000.
- LÉVY, Pierre. O que é o virtual? / Pierre Lévy; tradução de Paulo Neves. São Paulo, Ed. 34, 1996.
- LINS, Daniel. Antonin Artaud: o artesão do corpo sem órgãos / Daniel Lins. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1999 - (Conexões;2).
- LIPOVETSKY, Gilles. A era do vazio; tradução de Miguel Serras Pereira e Ana Luísa Faria. Lisboa, Relógio D'água, 1983.
- LYOTARD, Jean-François. O Pós-Moderno / Jean-Françoise Lyotard; tradução de Ricardo Correia Barbosa. Rio de Janeiro, José Olympio, 1986.
- LYOTARD, Jean-François. O Pós-Moderno explicado às crianças - correspondência 1982-1985; tradução de Tereza Coelho. Lisboa, Dom Quixote, 1993.
- MCLUHAN, M. La Galaxie Gutenberg. Paris, Gallimard, 1967.
- MOREY, Miguel. Psiquemáquinas. Barcelona, Montesinos, 1990.
- ROSE, Nikolas. Governando a alma: a formação do eu privado. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Liberdades reguladas; a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu. Petrópolis, Vozes, 1998.
- SCHAFF, Adam. A Sociedade da Informática. As conseqüências sociais da segunda revolução industrial. Tradução de Carlos Eduardo Jordão Machado e Luiz Arturo Obojes. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. Antropologia do ciborgue - as vertigens do pós-humano / organização e tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.
- WALKERDINE, Valerie. Uma análise foucaultiana da pedagogia construtivista. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Liberdades reguladas; a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu. Petrópolis, Vozes, 1998.
- GANE, Chris e Sarson Trish. Análise Estruturada de Sistemas. Tradução de Gerry Edward Tompkins. Rio de Janeiro, LTC, 1983.